

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

EVERLAINE SANTIAGO DE MOURA

**O BULLYING NA ESCOLA: O OLHAR DOS
PROFESSORES**

**Brasília
2011**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

O BULLYING NA ESCOLA: O OLHAR DOS PROFESSORES

Everlaine Santiago de Moura

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

**Brasília
Novembro de 2011**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Monografia de autoria de **Everlaine Santiago de Moura**, intitulada *O bullying na escola: o olhar dos professores*, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 13 de dezembro de 2011, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Prof.^a Dr.^a Sandra de Castillo Ferraz (Orientadora)
Universidade de Brasília - Faculdade de Educação

Prof.^a Dr.^a Silmara Carina Dornelas Munhoz (Examinadora)

Prof. Álvaro Sebastião Teixeira Ribeiro (Examinador)
Universidade de Brasília - Faculdade de Educação

Prof.^a Andreia Livia de Jesus Leão (Suplente)
Universidade de Brasília - Faculdade de Educação

Dedico este trabalho aos meus pais, irmão e todos os meus amigos que me acompanham em todos os momentos tristes e felizes.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, pela saúde e pelas oportunidades. Sou grata também aos meus pais, pois sem a ajuda, estímulo e credibilidade não chegaria até aqui. O meu muito obrigada ao meu irmão e amigos, em especial Márcia, Maria, Diego e Carla pelo enorme empenho em me ajudarem. Aos professores companheiros e em especial à querida Sandra Ferraz pelo seu apoio e compartilhamento de saberes. E por fim, mas não menos importante, ao meu André, namorado lindo e maravilhoso que sempre me acompanha com muito amor, apoio e carinho.

OBRIGADA!

“Há escolas que são gaiolas, há escola que são asas”

Rubem Alves

RESUMO

MOURA, Everlaine. *O Bullying no contexto escolar: o olhar dos professores*. Monografia. Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

Este trabalho tem o propósito de analisar o papel de alguns segmentos escolares frente ao fenômeno *bullying*. Tem o objetivo de Identificar aspectos envolvidos nas concepções de professores de sexto e sétimo anos sobre bullying, ou violência escolar, e analisar a relação entre tais concepções, seus posicionamentos pessoais e suas mediações pedagógicas. Esta pesquisa mostra que o papel do professor não é somente o de prevenir e combater o *bullying* na sala de aula, mas também observar suas ações para com os alunos. Ou seja, o modo de agir do professor também pode gerar o *bullying* no cotidiano escolar. Os procedimentos metodológicos utilizados para a pesquisa foram estudos de referencial teórico, aplicação de questionários a uma orientadora educacional e a professores de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada na cidade da Candangolândia, Região Administrativa de Brasília (DF). A análise dos dados foi feita de acordo com os preceitos apontados no referencial teórico e tivemos como resultados que embora os professores se mostrem preocupados com a questão do bullying e suas conseqüências, os mesmos não estão preparados para lidarem com esse tipo de violência em específico. Entretanto, as formas mais eficazes que os professores analisados consideram para combate e prevenção ao bullying são a conversa, o diálogo e os trabalhos coletivos entre familiares, comunidade escolar e os próprios alunos.

Palavras-chave: Bullying, papel da escola, professor, prevenção/combate.

SUMÁRIO

MEMORIAL	09
INTRODUÇÃO	15
1. A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS	18
1.1 A relação entre aprendizagem, desenvolvimento humano e as relações sociais em sala de aula	18
1.2 A mediação do professor nas relações de sala de aula	20
1.3 Construção da auto-estima e da identidade por meio das relações sociais e mediações.	21
1.4 As relações de poder na Escola	22
2. BULLYING	25
2.1 Os envolvidos no bullying	26
2.2 As consequências do bullying	27
2.3 O papel da escola no combate ao bullying.....	29
OBJETIVOS.....	31
3. METODOLOGIA	32
3.1 Caracterização da instituição e dos sujeitos participantes	32
3.2 Instrumentos Utilizados	35
3.2.1 Questionário	35
3.2.2 Entrevista.....	35
4. PESQUISA EMPÍRICA: RESULTADOS E ANÁLISE	37
4.1 Concepções e práticas dos professores e orientadora educacional com relação ao bullying	37
4.1.1 Sobre as preocupações	38
4.1.2 Sobre as estratégias de enfrentamento	40
4.2 Análise dos questionários	41
4.2.1 Bloco de itens I.....	41
4.2.2 Bloco de itens II.....	44
4.2.3 Bloco de itens III	45
4.2.4 Questões abertas	46
4.3 Entrevista com a Orientadora Educacional.....	51
4.3.1 Sobre a caracterização de bullying	51
4.3.2 Sobre o bullying na escola	51
4.3.3 Sobre a ação dos Professores, da Orientadora e da Escola	52
4.3.4 Sobre os estudantes de sexto e sétimo anos	54
4.3.5 Sobre a diferença de bullying entre meninos e meninas	54
4.3.6 Sobre o relato de um caso concreto	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS.....	59
REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS	61
ANEXOS	65

MEMORIAL

Uma recordação que me vem à mente quando relembro minha trajetória acadêmica é o fato de que comecei a ser alfabetizada ainda em casa, com o auxílio e estímulo dos meus pais, alguns meses antes de entrar na escola. Era uma criança muito curiosa e gostava muito de joguinhos infantis. Aproveitando esse interesse, minha mãe comprou um joguinho que me chamava bastante atenção. Tratava-se de um jogo que possuía cinco ou seis figuras e na frente um espaço para ser preenchido com as letras que formavam a palavra relacionada ao desenho. No início não era fácil e eu sempre necessitava da ajuda dos meus pais para preencher os espaços em branco. Após um tempo, precisei menos dessa ajuda e logo consegui brincar sozinha, me reportando a eles apenas para mostrar que tinha conseguido montar cada tabelinha. Consequentemente, recebia elogios.

Comecei minha jornada escolar aos cinco anos de idade, num colégio particular, localizado na cidade do Gama-DF. Era o chamado Jardim I, onde brincávamos, cantávamos e praticávamos basicamente atividades de recreação. Semestre seguinte, no Jardim II, a turminha e a professora não mudaram. Ficamos juntos por um ano e considerava a escola como uma diversão e adorava os momentos naquele ambiente. Sentia um apreço imenso pela professora e a tinha como um modelo para mim. Ela nos tratava com sabedoria e hoje percebo que exercia a profissão com muito amor.

No ano seguinte, ainda no mesmo colégio, comecei o “prezinho” onde iniciei o processo de alfabetização. Neste ano tive experiências ruins com a professora, ao contrário da lembrança boa que guardo dos anos de Jardim. Considero que trago até os dias de hoje algo negativo daquela época. Em um momento onde todos realizavam as tarefas, senti a necessidade de sanar uma dúvida com a professora e esta me tratou com grosseria na presença das demais crianças. Senti-me assustada e não tinha vontade de ir às aulas. Quando necessitava sanar alguma dúvida, não mais a procurava, pois tinha medo do seu tratamento grosseiro novamente. Acredito que o fato de eu ter tido receio de me aproximar dos professores durante toda a minha vida escolar tenha se dado, sobretudo, por esse motivo. Hoje percebo a importância do cuidado do professor com as crianças, pois um ato falho como esse pode deixar marcas, como considero que me deixou.

Após os anos na Educação Infantil, passei então ao Ensino Fundamental e até a antiga quarta série (atual quinto ano), estudei numa escola pública da Asa Sul. No primeiro ano, já praticamente alfabetizada, tive facilidade no aprendizado das matérias. Devido à mudança de ambiente escolar, estava ingressando em um mundo novo. Tinha um cuidado enorme com tudo que estava relacionado à escola, os materiais, o uniforme, os deveres e livros. No começo era tudo diversão. Com o passar das aulas, no entanto, a professora foi iniciando propriamente os mecanismos de alfabetização. Todos ganharam cartilhas que iniciavam com a letra “a” e iam até o final do alfabeto. O ano letivo foi passando e os desafios foram sendo ultrapassados. Descobri recentemente algo que tinha há muito esquecido: fui alfabetizada com o método *A Casinha Feliz*, na qual falarei mais adiante acerca dessa descoberta.

Entre esses quatro anos de Ensino Fundamental, o mais marcante foi o primeiro. Acredito que isso tenha ocorrido por causa da transição e da mudança no modelo de avaliação que senti na escola a partir do início do Ensino Fundamental. No tempo em que estudei nessa escola, sempre fui uma aluna exemplar, atingindo pontuações que variavam entre boas e ótimas nas avaliações. Fiz também vários amigos enquanto estive lá.

Em alguns momentos, no entanto, sentia vergonha diante das outras crianças por ser gordinha. Isso ocorria principalmente nas aulas de natação e educação física. Não me lembro de nenhuma brincadeira que tenha me deixado constrangida na escola, mas no ambiente familiar, recebia apelidos desconfortáveis.

Diante da realização futura do Programa de Avaliação Seriada (PAS) e do tão temido vestibular, meus pais optaram por custear meus estudos posteriores em um colégio particular. Permaneci neste da quinta série do Ensino Fundamental até o final do terceiro ano do Ensino Médio. Nessa nova escola, comecei a sentir dificuldades nas disciplinas que, em maior número, começaram a ser ministradas cada uma por um professor. Iniciaram-se então as recuperações e esforços para a não reprovação. Isso chateava muito os meus pais, pois diferente do alto nível sócio econômico dos pais dos outros alunos, eles se esforçavam muito para pagar um colégio com altas mensalidades como aquele.

Recordo-me também que nesse período estava entrando na adolescência, dos 11 aos 14 anos. Era uma garota bastante tímida, me considerava feia e percebia olhares estranhos dos colegas, talvez em decorrência da minha baixa auto-estima. Por causa disso, fugia das apresentações e trabalhos em grupo no colégio, pois me sentia mal,

principalmente com relação ao contato com os meninos. Fiz poucos amigos no Ensino Fundamental, pois nos intervalos muitas vezes abaixava a cabeça e preferia ficar só. Devido a esse excesso de timidez e para aprender lidar melhor com questões de cunho pessoal, minha mãe sugeriu que eu fizesse psicoterapia. Com o tratamento, melhorei muito em vários aspectos.

Já no Ensino Médio fui uma aluna mediana, não me destaquei. Procurava estudar o mínimo para que garantisse minha aprovação no fim do ano letivo. Nos três anos estive de recuperação, a maioria das vezes nas disciplinas de Ciências Exatas. Nas outras disciplinas, com ênfase em Português, Redação e Biologia, sempre conseguia atingir boas notas. Isso me estimulava a gostar cada vez mais dessas disciplinas. Embora tivesse apresentado algumas dificuldades em todo o meu percurso estudantil, como mencionado, nunca obtive reprovação em nenhum ano.

Nos anos em que cursei o Ensino Médio, a preocupação de todos, como continua até os dias de hoje, é o temido vestibular. A maioria dos alunos cursava o Ensino Médio com o objetivo de obter uma preparação eficaz para aprovação no Programa de Avaliação Seriada e no vestibular. No meu caso, durante o Ensino Médio, não tinha muita maturidade nem disciplina para estudar com seriedade a fim de conquistar a tão sonhada vaga na Universidade de Brasília. Dispersava-me com facilidade e estava mais ligada nos amigos, nas festinhas. Isso tirou um pouco do meu foco, embora tivesse muito o apoio emocional e financeiro dos meus pais, que estavam sempre me influenciando e dispostos a custear cursos preparatórios. Em síntese, não soube aproveitar a oportunidade que eu estava tendo.

Quando terminei o Ensino Médio, senti o peso da minha falta de compromisso com os estudos. Os amigos e colegas que se dedicaram mais foram aprovados no PAS ou passaram logo no primeiro exame de vestibular que fizeram e nos cursos que escolheram. Outros, vindos de famílias abastadas, foram logo cursar os cursos de seu interesse nas faculdades particulares. Meus pais, embora tivessem condições de custear minha faculdade, sempre me incentivaram a conseguir a vaga na Universidade de Brasília, que não se deu por via do PAS. Este incentivo se deu, talvez, pelo exemplo dado pelo meu irmão mais velho, que se dedicando com afinco desde o Ensino Médio, conseguiu êxito no primeiro vestibular da UnB para o disputado curso de Ciência da Computação.

Como não havia me dedicado muito no Ensino Médio, tive que enfrentar a maratona dos cursinhos pré-vestibulares. Foram tempos árduos em busca do “tempo

perdido”. Tinha a sensação que todo esforço que fazia era pouco e a aprovação nunca chegava ou nunca chegaria para mim.

A princípio, ainda no Ensino Médio, na realização da terceira fase do PAS, o meu desejo era o de cursar Medicina Veterinária, devido à enorme paixão que sempre tive pelos animais de um modo geral. No período de realização do primeiro vestibular, a minha vontade se voltou para o curso de Medicina, pois ficava deslumbrada com o status e remuneração que essa profissão poderia me oferecer, além de simpatizar muito com a área da saúde. Em contrapartida, sempre soube que era um curso muito concorrido, ainda mais no vestibular da UnB. Por isso, comecei a estudar para o vestibular de Medicina da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (FEPECS). Estudei por um ano sem, no entanto, lograr êxito. Após esse período, comecei a me sentir desmotivada, pois me sentia inferiorizada por ter visto meu irmão passar logo no primeiro vestibular e eu estar demorando um pouco mais para passar. Mesmo assim continuei a estudar, mas dessa vez decidida a fazer Psicologia, pois minha mãe estava terminando o curso na época e fazia muitos comentários em casa a respeito das matérias e dos assuntos. Comecei a me interessar pelo curso. Minha mãe se organizava com algumas amigas para abrir um consultório de psicologia. Assim, fazendo esse curso eu poderia seguir carreira juntamente a elas.

Realizei o vestibular e novamente não consegui aprovação. Na época, Psicologia estava entre os cursos com as maiores notas de corte. Fiquei bastante descontente e desestimulada, mas decidi que faria o último vestibular da UnB no semestre seguinte. Desse modo, ou eu passaria, ou iria cursar Direito numa faculdade particular, pois já me interessava também em fazer concursos e esse curso é um dos mais promissores no ramo dos concursos públicos. Era uma alternativa, se por acaso eu não conseguisse sucesso na minha última tentativa. Pedi vários conselhos a minha mãe e ela me orientou a tentar uma vaga para o curso de Pedagogia, já que a nota de corte era mais baixa e eu estava decidida a fazer a prova pela última vez. Assim eu poderia trabalhar com ela no consultório fazendo atendimento a crianças. Acatei a sua sugestão e fui rumo ao meu último vestibular, dessa vez para o curso de Pedagogia. Fiz a prova com muita tranquilidade e sem nem pensar na aprovação. Não fiquei sequer apreensiva na espera do resultado, como tinha ficado nos outros vestibulares. Estava me comunicando com um amigo pela Internet no dia do resultado final e foi ele que me alertou sobre a aprovação. Olhei na lista e para minha surpresa meu nome estava lá. Fiquei muito feliz,

parecia que um peso tinha saído das minhas costas. Chamei meus pais e mostrei o resultado, eles também se mostraram bastante contentes.

Quando já estava no segundo semestre do curso de Pedagogia, a experiência de participação da minha mãe no consultório junto às amigas começou a fracassar. Tive que começar a pensar, então, em outras formas de atuação para minha carreira, já que não contava com a possibilidade de trabalhar no consultório junto a minha mãe.

Comecei então a perceber a abrangência do curso de Pedagogia e as várias formas de atuação do pedagogo na disciplina de projeto 2. Desse modo, me interessei pelas áreas relacionadas à pedagogia empresarial e psicopedagogia. Assim, sempre que podia, fazia disciplinas relacionadas a essas áreas, sobretudo as de Psicologia. Apesar do desejo de aprimorar meus estudos em uma dessas duas áreas, cursei minhas disciplinas de forma aleatória, buscando conhecer um pouco de cada abordagem. Isso dificultou minha escolha, agora no final do curso, por um tema para a realização do projeto final.

No quarto semestre, fiz uma fase do projeto 3 na área de Pedagogia empresarial e tive a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a atuação do pedagogo nesse ambiente. Passei desde então a dar mais ênfase nos meus estudos para concursos, focando os de nível médio, já que ainda estava na metade do curso de graduação. Pensava em terminar o curso superior já empregada para que ao final não sentisse a sensação de estar perdida, além de me sentir mais tranquila financeiramente. Com muito esforço e dedicação, fui aprovada e nomeada, no final do ano de 2010, na Secretaria de Saúde do Distrito Federal onde permaneço trabalhando atualmente.

Enquanto isso, ao longo do curso de Pedagogia, grandes descobertas fiz acerca de minha própria escolarização. Na disciplina Processos de Alfabetização, ministrada pela Professora Alexandra Rodrigues, tive a feliz descoberta do método pelo qual fui alfabetizada, *A Casinha Feliz*. Na ocasião de escolha do tema de um seminário, por acaso me vi pesquisando acerca do método de alfabetização *A Casinha Feliz*, que foi criado por Iracema Furtado Soares de Meireles. O Método Iracema Meireles, como também é chamado, é um método que tem como ponto de partida o fonema. As letras aparecem associadas a figuras do universo do aluno. Essas figuras servem para desencadear um processo de associação que facilita a descoberta das correspondências grafema-fonema. O aspecto lúdico deste método cria uma ligação afetiva forte entre alunos e letras, o que torna a aprendizagem muito rápida. Ao contrário dos outros métodos, este não exige esforço de memória porque as figuras-fonema funcionam como

uma chave para ajudar na decifração do código da língua escrita. O processo de pesquisa e elaboração do seminário foi de singular importância, pois fez com que relembresse com saudosismo do início da minha trajetória acadêmica.

No presente e último semestre, comecei então a busca por um tema para minha monografia, já que não havia feito essa delimitação logo no início da graduação e só me restou esta última etapa para o término do curso. Pesquisei temas na internet e tentei me remeter a alguma matéria cursada que eu houvesse tido alguma inquietação e desejasse pesquisar a respeito. Conversando então com uma amiga que estudou comigo durante o Ensino Médio, ela me sugeriu que eu pesquisasse sobre o tema *bullying*, pois seria construtivo, já que eu me interessava por áreas da psicologia e este era um tema novo e polêmico.

Realizei algumas leituras sobre o tema e percebi que a maioria dos estudos e pesquisas dentro da temática, sobretudo na escola, se dá com relação à análise dos alunos vitimizados ou agressores. As manifestações do fenômeno nem sempre são percebidas pelos professores que, de uma forma equivocada, o associam a brincadeiras infantis. A não identificação das manifestações do *bullying* pelos professores pode ocorrer, pois as crianças evitam expor o problema, por entenderem que nada podem fazer para ajudá-las. Por outro lado, quando buscam ajuda, nem sempre são tomadas providências. Mais uma vez, me deparei refletindo sobre minha própria experiência escolar e me vi vitimizada e com a auto-estima rebaixada quando mudei para a nova escola na quinta série, especialmente devido às relações interpessoais que eu não conseguia estabelecer. Observei então a necessidade de realizar uma pesquisa no que tange ao olhar dos professores e membros da escola frente a tais questões e suas formas de intervenção nos atos de violência e *bullying*.

INTRODUÇÃO

A violência escolar em todo o mundo é muito antiga e sempre se configurou como um problema social grave, podendo ser caracterizado como indisciplina, delinquência, problemas de relação professor-aluno ou mesmo aluno-aluno, entre outros. Entretanto, há um crescimento das ações violentas nas escolas que se explica em função de a comunidade escolar ser o “reflexo” da sociedade como um todo. O aumento considerável da violência no mundo todo tem se caracterizado por inúmeros fatores de ordens diversas. Estudos de várias áreas têm voltado seu olhar para os tipos de violência escolar, mais comumente abordados como “o fenômeno *bullying*”. Esse fenômeno tem sido citado de forma recorrente nos meios de comunicação e tem se propagado devido às inúmeras consequências e danos gerados nos níveis mentais, psíquicos e até mesmo físicos das suas vítimas, ocasionando um ambiente desfavorável de desenvolvimento e aprendizagem tanto para os maiores afetados (vítimas), como para os expectadores, agressores e professores.

Observando que essa temática é bastante emergente e a maior parte dos trabalhos de pesquisa realizados se deu a partir dos enfoques de alunos vítimas e agressores ou das causas e efeitos desse fenômeno, verificamos a necessidade de um estudo que abrangesse a percepção dos professores e a forma de lidar com essa questão. Investigar o contexto, ou pelo menos os sujeitos dentro de seus contextos concretos, é importante tendo em visto que tal fenômeno ocorre sobretudo nos ambientes escolares, dentro de sala de aula e na presença do professor, segundo uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA) no ano de 2003. Com este dado, fica evidente a importância do papel do professor e suas ações perante a sala de aula.

Desse modo, para que alguns quesitos sejam compreendidos, se faz necessário refletir sobre algumas questões: Os professores recebem algum preparo para lidarem com a questão do *bullying* no ambiente escolar? Que medidas são adotadas para o combate ao *bullying* no contexto escolar? A escola abre espaço para denúncia de atos agressivos e violentos? O *bullying* pode ser a causa dos problemas de aprendizagem? Quais as atitudes da escola frente a situações de violência como o *bullying*?

Assim, este trabalho tem por objetivo analisar e identificar aspectos envolvidos nas concepções professores do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental sobre *bullying* e violência escolar. Especificamente, objetivamos verificar a relação entre as concepções docentes sobre *bullying*, seus posicionamentos pessoais e suas mediações pedagógicas. A intenção do presente trabalho é de que também se possa refletir sobre o papel da escola e da atuação docente no combate ou no fortalecimento das práticas discriminatórias e observar quais as medidas tomadas pelo professor frente às referidas situações.

Na decisão sobre qual abordagem metodológica de investigação seria ideal para responder a tais perguntas, nos deparamos com o seguinte impasse: qual segmento escolar seria mais produtivo para realizar a pesquisa? Quais sujeitos privilegiar? A partir do estudo realizado por Fernandes (2011), *Relações Interpessoais no Ensino Médio em Tempos de Bullying*, o maior índice de atitudes agressivas como brigas, relatado na pesquisa pelos próprios estudantes, tem ocorrido no período inicial da adolescência, entre 11 e 13 anos, justamente quando a criança passa para a quinta série.

Em termos desenvolvimentais, é um período de transição, de mudanças físicas de várias ordens e de vulnerabilidade emocional em função das transformações dos processos psíquicos da infância para a adolescência. Ao mesmo tempo, a criança passa a compartilhar a rotina escolar com adolescentes, jovens de 14 ou até 16 anos que vêm no aluno de quinta série uma presa fácil para suas “brincadeiras”. Com relação à aprendizagem, são vários professores que já não têm o olhar sobre o processo pedagógico da mesma forma que os pedagogos das séries iniciais. Acreditamos que o foco no conteúdo tenda a “invisibilizar” o aluno e a importância subjetiva das relações interpessoais. Lopes Neto (2005) corrobora para nossa hipótese ao afirmar que a ocorrência desse fenômeno é mais frequente na convivência escolar especificamente entre quintas a oitavas séries.

O presente trabalho está composto por três partes. A primeira se refere ao memorial educativo que contém um pouco da história da trajetória escolar da autora.

A segunda parte se refere ao desenvolvimento do tema em si, a respeito da perspectiva dos professores com relação ao *bullying* escolar no sexto e sétimo ano. Esta por sua vez, se divide em quatro capítulos: o primeiro versa sobre a revisão de literatura, abordando as relações de construção da subjetividade, desenvolvimento e aprendizagem, bem como aspectos envolvendo as relações sociais, sobretudo no

ambiente escolar, tais como relação professor/aluno, construção da identidade e auto-estima e a violência como parte das relações sociais nesse ambiente.

No segundo capítulo é descrito e caracterizado o *bullying* e os aspectos referentes a esse fenômeno, como os sujeitos envolvidos, as suas consequências e a importância do papel da escola no seu combate.

No terceiro e quarto capítulos, se deu a elaboração da parte metodológica empregada na pesquisa e a pesquisa empírica propriamente dita, com a apresentação, discussão e análise dos resultados surgidos no trabalho de campo. A metodologia faz uma descrição do contexto, sujeitos, procedimento e instrumentos utilizados no trabalho empírico. Resultados são apresentados e análise da pesquisa realizada com professores e orientadora em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio da Região Administrativa da Candangolândia (DF).

Por último, são apresentadas as considerações finais, baseadas na pesquisa empírica e as perspectivas profissionais da autora, onde há uma exposição de suas pretensões futuras.

1. A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES SOCIAIS

Observando os processos que permeiam a fase da adolescência e os que determinam atitudes envolvidas no fenômeno *bullying*, percebeu-se a importância de se compreender o desenvolvimento humano e a sua relação com a aprendizagem em perspectivas que priorizem o olhar das relações interpessoais e que contemplem o caráter das experiências sócio-afetivas no processo de educação.

Por isso, elegemos a perspectiva histórico-cultural para discorrer sobre os processos de aprendizagem, desenvolvimento e sobre as relações que são estabelecidas na sala de aula.

1.1 A relação entre aprendizagem, desenvolvimento humano e as relações sociais em sala de aula

O modelo de desenvolvimento humano adotado por Lev S. Vygotsky (1898-1936) contribuiu para a criação de visões pedagógicas que privilegiam as interações sociais como influenciadores dos processos de ensino aprendizagem. Por isso, a sala de aula deve ser considerada um lugar privilegiado de sistematização do conhecimento e o professor um articulador na construção do saber.

Na teoria sócio-interacionista de Vygotsky, encontramos uma visão de desenvolvimento humano baseada na ideia de um organismo ativo cujo pensamento é constituído em um ambiente histórico e cultural: a criança reconstrói internamente uma atividade externa, como resultado de processos interativos que se dão ao longo do tempo. Branco (1993, p.10) exemplifica que:

Em uma sala de aula, por exemplo, quais são os pressupostos, as convicções acerca dos papéis de cada um, quais são as atribuições afetivas entre os participantes do grupo, quais as expectativas quanto aos resultados que se pretende alcançar e em que medida a realidade viva das interações observadas corresponde a tudo isto? (...) Muitas vezes ocorre que ações semelhantes adquirem significados diversos dependendo do contexto em que se dão: a recriminação pública feita pelo professor pode ser aceita como legítima pelo aluno ou pode ser experimentada como rejeição discriminatória, dando origem a atitudes negativas em relação ao professor. (BRANCO, 1993,p.10).

Outro ponto relevante a ser considerado é que a reconstrução interna é postulada por Vygotsky na lei que denominou de dupla estimulação, ocorrendo em dois momentos

(ontogênese): tudo que está no sujeito existe antes no social (interpsicologicamente) e quando é apreendido e modificado pelo sujeito e devolvido para a sociedade passa a existir no plano intrapsicológico (interno ao sujeito). A criança vai aprendendo e se modificando. (BRANCO,1993).

O movimento de compreensão do mundo que aparece dialeticamente na escola implica ações de investigação e de discussão para a internalização de funções mentais que garantam aos indivíduos a possibilidade de pensar por si. Para tanto, tendo o professor como mediador, é preciso estimulá-los a operar com ideias, a analisar os fatos e a discutí-los para que, na troca e no diálogo com o outro, construam os seus pontos de regulação para um pensar competente e comprometido com determinadas práticas sociais. Tais relações e concepções não têm modelos pré-estabelecidos, pois cada indivíduo internaliza as ações ocorridas em seu meio de uma determinada forma.

O desenvolvimento humano, segundo Vygostky não é determinado apenas por fatores genéticos. O meio também é um grande influenciador, considerando neste a cultura, sociedade, práticas e interações. Para esse autor, a cultura é responsável pelas principais transformações e evoluções da fase infantil à adulta.

Por adquirir conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais e de troca com o meio através da mediação, para esse teórico, o sujeito é interativo. Ele acredita que as características individuais estão impregnadas de trocas com o coletivo, ou seja, mesmo o que tomamos por características puramente individuais, o aspecto foi construído a partir de sua relação com o indivíduo.

A aprendizagem é um aspecto atrelado ao desenvolvimento que deve ser considerado e que também tem como alavanca o meio social. Esses dois processos caminham juntos, ainda que não paralelamente. Para Vygostsky, o desenvolvimento mental/psicológico que é promovido pelo processo de socialização depende da aprendizagem, na medida em que se dá por processos de internalização de conceitos, que são promovidos pela aprendizagem social, principalmente aquela planejada e construída no meio escolar.

Assim, para o referido autor, não é suficiente possuir todo o aparato biológico da espécie humana se o indivíduo não participa de ambientes e determinadas práticas que favoreçam essa aprendizagem. Não podemos nos ater ao entendimento de que a criança se desenvolverá com o tempo, pois ela não tem, por si só, instrumentos para percorrer sozinha o caminho do desenvolvimento, que dependerá de suas aprendizagens mediante as experiências que foi exposta.

Nesse sentido, o sujeito, que aqui refere-se à criança, é reconhecido como ser que pensa e é capaz de associar sua ação à representação de mundo que constitui sua cultura, podendo a escola ser considerada um espaço e um tempo onde tal processo pode ser vivenciado e o processo de ensino-aprendizagem envolve diretamente a interação entre sujeitos.

1.2 A mediação do professor nas relações de sala de aula.

O papel do professor em sala de aula nos remete ao um conceito relacionado aos aspectos envolvidos na relação entre aprendizagem e desenvolvimento discutidos acima. Para tanto, se faz necessário a definição de um conceito básico envolvido nesse processo, o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), descrita por Vygostky como a distância entre o nível de desenvolvimento real, ou seja, determinado pela capacidade de resolver problemas independentemente, e o nível de desenvolvimento proximal, demarcado pela capacidade de solucionar problemas com ajuda de um parceiro mais experiente. São as aprendizagens que ocorrem na ZDP que fazem com que a criança se desenvolva ainda mais, ou seja, desenvolvimento com aprendizagem na ZDP leva a mais desenvolvimento, por isso dizemos que, para esse teórico, tais processos são indissociáveis.

É justamente nesta zona de desenvolvimento proximal que a aprendizagem vai ocorrer. A função de um educador escolar, por exemplo, seria a de favorecer esta aprendizagem, servindo de mediador entre a criança e o mundo. Como foi destacado anteriormente, é no âmago das interações no interior do coletivo, das relações com o outro, que a criança terá condições de construir suas próprias estruturas psicológicas (Creche Fiocruz, 2004).

É assim que as crianças, possuindo habilidades parciais, as desenvolvem com a ajuda de parceiros mais habilitados (mediadores) até que tais habilidades passem de parciais a totais. Temos que trabalhar, portanto, com a estimativa das potencialidades da criança, potencialidades estas que, para tornarem-se desenvolvimento efetivo, exigem que o processo de aprendizagem, os mediadores e as ferramentas estejam distribuídas em um ambiente adequado. (VASCONCELLOS; VALSINER, 1995).

Acordados nessa ideia, segundo Branco (1993), contextualizar as interações torna-se tarefa essencial à sua compreensão e à sugestão de práticas pedagógicas que estejam em maior sintonia com a realidade da criança.

1.3 Construção da auto estima e da identidade por meio das relações sociais e mediações.

Para Hall (2003), a identidade é uma construção social que se caracteriza pela vinculação do sujeito a um grupo social e diferenciação dos demais grupos, a partir das relações de poder estabelecidas na sociedade onde está inserido. Quando essas relações de poder implicam em preconceito e estigma, afetam a construção da identidade do adolescente ferindo sua auto-estima, prejudicando seu desempenho escolar e suas relações afetivas e sociais.

Nesse contexto, a formação da identidade social é caracterizada por Hall (2005) não como algo unificado, completo, e fixo, mas a medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam há também multiplicidade de identidades.

Sendo assim, a identidade é construída a partir da relação com os outros em que o convívio através da linguagem, ações, variados papéis sociais vão sendo observados para depois serem internalizados e diferenciados. Além disso, o contexto histórico deve ser levado em conta e a partir dessa perspectiva, o ser humano não possui uma única identidade, mas identidades múltiplas, uma vez que se vincula não só a uma classe socioeconômica, como também a uma classe de idade, gênero, etnia, nação.

A formação da identidade está fortemente relacionada a outra questão tão quão relevante, qual seja a auto-estima. Ambos os conceitos se baseiam no como o indivíduo é percebido pelos outros. Em outras palavras, a forma como nós vemos a nós mesmos é fortemente influenciada pela maneira como os outros nos vêem.

Como a auto-estima é vista como um dos recursos participantes na construção identidade do sujeito, esta merece atenção dos educadores que estão implicados no processo de aprender e preocupados com desenvolvimento humano para além dos aspectos envolvidos na educação de conteúdos escolares formais propriamente ditos.

Para Silva (2010, p. 63):

Até bem pouco tempo, o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar. Hoje é preciso dar destaque à escola como um ambiente no qual as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens, contribuindo para educá-los para a vida adulta por meio de estímulos e intervenções que ultrapassam a vida acadêmica tradicional (testes e provas). (SILVA, 2010,p.63)

Segundo esse autor, para que haja um amadurecimento adequado, os jovens necessitam que profundas transformações ocorram no ambiente escolar e familiar. Essas mudanças devem redefinir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional.

Para tanto, segundo Branco (1993), o professor é um membro indispensável na transformação e mudanças referidas, pois este tem o papel de promover ativamente a interação social entre alunos e destes para com outros personagens envolvidos no processo de construção da identidade e auto-estima individuais.

1.4 As relações de poder na Escola

A escola é uma instituição de grande importância na vida do sujeito. As relações sociais entre professores, pais e estudantes são fatores constituintes na formação da personalidade. As experiências construídas nesse espaço pelo sujeito contribuem para moldar suas relações na família e na sociedade (MARRIEL et al. e col, 2006).

No estudo dos autores citados, boa parte da fala dos alunos se tratava do relacionamento com educadores. Isso mostrou que o autoritarismo e o abuso de poder comprometem a relação de confiança entre professor e aluno, além de favorecer a baixa auto estima do adolescente. A desvalorização social do professor reflete-se na sala de aula, levando o aluno a desvalorizá-lo também.

Para Branco (1991), a criança que experimenta, desde a mais tenra infância, a oportunidade de negociar situações de conflito e de participar de decisões que lhe dizem respeito, que assume desde cedo responsabilidades que estão ao seu alcance e que vê respeitados com seriedade seus interesses e opiniões, terá sem dúvida, melhores condições de trabalhar, como indivíduo, no difícil processo de construção de uma realidade mais democrática. Será também mais feliz do que aquelas crianças que são envolvidas no condicionamento das relações verticais de dominância e subordinação. Neste momento, o processo de internalização poderá significar ou instrumento de

simples reprodução da dinâmica entre dominadores e dominados; ou instrumento da necessária inovação libertadora.

Além do aspecto envolvendo a relação professor-aluno, o aspecto envolvendo aluno-aluno é de igual relevância quando nos remetemos aos papéis a serem considerados no processo de interações sociais. Segundo Branco (1991, p.14), "outra extensão importante do enfoque da interação social está em estimular o professor a promover ativamente a interação social entre alunos como parte da programação acadêmica".

Para esse autor, tais iniciativas, induzem a cooperação e o conflito sócio-cognitivo e representam a transposição para a prática de importantes estudos que destacam o valor das estruturas cooperativas e da controvérsia e discussão como impulso para a aprendizagem e o desenvolvimento.

A prática da violência no ambiente escolar não é um fenômeno recente, porém está se tornando um grave problema social e de saúde pública (PINHEIRO, 2006; SILVA, 2006). Este aparece como um problema cada vez mais frequente nas escolas atuais. Ela tem sido percebida de maneira ampla, como resultante da interação entre fatores individuais e fenômenos sociais, como a família, a escola e a comunidade. O discurso cultural tem-se reproduzido na escola e, por se tratar de um fenômeno multicausal, muitas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da capacidade das instituições e funcionários (SILVA, 2006; BEAUDOIN, TAYLOR, 2006; CATINI, 2004).

Os estudos feitos a respeito da violência escolar mostram que esta se dá em sua maioria, na relação professor\aluno, aluno\aluno e aluno\escola, sendo esta última sendo percebida nas formas de vandalismo.

É importante salientar que a violência escolar perpassa as características da violência física, onde há agressões físicas, como brigas e formação de gangues equipadas com armas. A violência nas escolas toma proporções ainda maiores quando consideramos a violência simbólica, ou seja, aquela violência velada que muitas vezes traz consequências tão quão ou mais devastadoras, principalmente no que tange às estruturas psicológicas.

Dentre as causas da crescente violência no ambiente escolar destacam-se fatores sociais, psicológicos e pedagógicos. Observa-se assim, o desafio da socialização e do respeito comum que têm faltado nos ambientes escolares. Atualmente, é exigido da escola o repasse do conhecimento, e isso se confunde muitas vezes com a substituição

da conduta que deveria ser ensinada pelos pais. Esta é impulsionada, sobretudo, a repetir conhecimento e formar mão-de-obra ao mercado, sem que haja uma profunda preocupação com a formação de cidadão. “Independente das definições e abordagens adotadas, os autores alertam que a constante presença da violência no ambiente escolar coloca em xeque a função primordial da escola.” (CUBAS, 2006, p 26).

Assim, os aspectos relacionados a subjetividade, aos processos de ensino-aprendizagem e desenvolvimento, e os referentes as interações sociais, vistos acima nos remetem e nos possibilitam uma melhor e mais ampla visão e entendimento a respeito de problemáticas como a violência escolar, nesta inserido o fenômeno *bullying*, tornando os sujeitos envolvidos nesses processos mais esclarecidos e aptos a lidarem melhor com tais questões.

2. BULLYING

Segundo a cartilha *Bullying professores e profissionais da escola*, o *bullying* ainda é um termo pouco conhecido do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados tanto por meninos quanto por meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos que se encontram impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas.

Em muitos casos comportamentos agressivos como o *bullying* são confundidos com brincadeiras, o que dificulta a intervenção e mediação por parte dos espectadores. Dessa forma, é necessária uma reflexão acerca do tema e do verdadeiro conceito de *bullying* para que não ocorra generalizações e equívocos a respeito.

Para Monteiro (2003), presidente da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência), não há ainda no Brasil uma palavra que defina o *bullying*. Em geral, são situações de maus-tratos, de opressão e humilhação que acontecem entre jovens e crianças. (NOGUEIRA, 2005, p.2).

Bullying é, portanto, o fenômeno pelo qual uma criança ou um adolescente é sistematicamente exposto(a) a um conjunto de atos agressivos (diretos ou indiretos), que ocorrem sem motivação aparente, mas de forma intencional, protagonizados por um(a) ou mais agressor(es). Essa interação grupal é caracterizada por desequilíbrio de poder e ausência de reciprocidade; nela, a vítima possui pouco ou quase nenhum recurso para evitar a e/ou defender-se da agressão (Almeida *et al.*, 2007; Bronfenbrenner, 1996 [1979]; Olweus, 1993; Salmivalli *et al.*, 1998).

Com relação às formas de prática desse tipo de violência, os comportamentos que caracterizam o *bullying* podem ser classificados como diretos ou indiretos. No *bullying* direto, a vítima é atacada com apelidos, agressões físicas, ameaças, chantagens e roubos. No *bullying* indireto, são características atitudes de indiferença, desprezo, isolamento e difamação da vítima (LOPES NETO, 2005). As atitudes protagonizadas

pelos agressores no *bullying* envolvem abuso de poder e ocorrem sem motivação aparente, ou seja, sem motivo legítimo. Também não são provocadas pelas vítimas, por isso não devem ser confundidas com episódios de agressão reativa (CRICK E DODGE, 2000; DODGE, 1991).

Com crescimento da globalização e o surgimento de novas tecnologias, tem sido muito comum a utilização dos meios de comunicação para a propagação da violência no geral e do *bullying*. Dessa forma, nominou-se como *cyberbullying* ou *bullying* virtual as agressões de *bullying* por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos (e-mails, sites de relacionamentos, vídeos).

Além de a propagação das difamações ser praticamente instantânea o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas é imensurável. O *cyberbullying* extrapola, em muito, os muros das escolas e expõe a vítima ao escárnio público. Os praticantes desse modo de perversidade também se valem do anonimato e, sem nenhum constrangimento, atingem a vítima da forma mais vil possível. Traumas e consequências advindos do *bullying* virtual são dramáticos. (Cartilha *bullying* professores e profissionais da escola).

O *bullying* é um fator de risco para a violência institucional e social, bem como para comportamentos antissociais individuais (Lisboa, 2005) e pode significar uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão. Não pode ser confundido com brincadeiras de crianças, nem admitido como uma situação corriqueira e natural. A diferença, para observadores externos ao grupo de pares, entre o *bullying* e as brincadeiras de crianças, às vezes é muito tênue; pode ser sutil ou imperceptível, mas não menos grave. No entanto, quando há sofrimento, de qualquer um dos envolvidos, não é mais uma brincadeira entre amigos.

2.1 Os envolvidos no *bullying*

Segundo Silva (2010) os personagens envolvidos no fenômeno *Bullying* são divididas basicamente em três partes envolvidas, quais sejam os agressores, as vítimas e os expectadores, incluindo nessa categorias subgrupos que os diferenciam entre si.

Desse modo, as vítimas típicas são mais frágeis, tímidas, com baixa auto-estima, submissas, ansiosas, inseguras ou depressivas. As vítimas provocativas apresentam reações de ansiedade e agressividade. Em geral, têm opinião negativa de si mesmas,

podendo ser hiperativas, dispersas, inquietas e tentam responder quando são atacadas, porém, muitas vezes, fazem de maneira ineficaz. Os agressores são fisicamente mais fortes, possuem baixa tolerância às frustrações, sentem necessidade de dominar e se impor por meio de ameaças e, muitas vezes, apresentam atitude hostil com adultos. Não são inseguros nem ansiosos e possuem uma visão positiva de si mesmos. Há também os espectadores que frequentemente se calam por medo de se tornarem as próximas vítimas (OLWEUS, 1993 apud CATINI, 2004).

Com base nesses esclarecimentos, no *bullying*, portanto, identifica-se claramente um agressor (líder), um grupo de seguidores (reforçadores), testemunhas e uma ou mais vítimas que são excluídas da interação social. (Olweus, 1993; Salmivalli *et al.*, 1998). Salmivalli *et al.* 1998). Segundo a composição ecológica do grupo de pares no *bullying*, também verificou a existência de um grupo de crianças que atuam tanto como vítimas quanto como agressores. Denominou-as de *bully-victims*, agressoras-vítimas.

Acredita-se que tanto o professor quanto o aluno têm direito a um ambiente escolar seguro, que lhes favoreça uma convivência interpessoal de respeito à dignidade humana e à cidadania, caracterizada pela aceitação e acolhimento das diferenças individuais, sendo estas variáveis essenciais à saúde e ao bem-estar psicossocial durante a realização das atividades de ensino-aprendizagem (Mascarenhas, 2006).

2.2 As consequências do *bullying*

A importância aos estudos sobre *bullying* começou a ser dada devido aos grandes malefícios causados aos personagens envolvidos no seu processo, tanto agressores quanto vítimas, bem como espectadores.

As consequências psíquicas e comportamentais do *bullying* para as vítimas são muitas e dentre elas podemos citar: sintomas psicossomáticos que se apresentam fisicamente em forma de dores, tonturas, desmaios; Transtorno do pânico; fobia escolar, que pode ocasionar repetências por falta, problemas de aprendizagem ou evasão escolar; fobia social; transtorno de ansiedade generalizada e depressão, entre outros. Ou ainda, as vítimas podem crescer com sentimentos negativos, podendo também assumir o papel de praticante do *bullying*. (SILVA, 2010, p. 25 a 31).

Por outro lado, segundo Teixeira (2011) as consequências para os agressores variam desde o maior envolvimento com brigas corporais, criminalidade, atos

delinquentes, furtos, agressões até o uso abusivo de álcool ou drogas. Isso além da possibilidade de levarem tais atitudes para a vida adulta, podendo repetir tais comportamentos na faculdade ou no trabalho.

Os agressores têm maior probabilidade de se envolverem em casos mais graves de agressões e de terem ocorrências criminais. Podem projetar dentro de casa condutas violentas e, quando adultos, podem continuar agindo agressivamente com seus cônjuges e filhos, acarretando um ciclo de violência doméstica, e criando propensão para novas gerações de crianças agressivas (LIMA, 2011, p. 29-30).

Quanto às consequências desse tipo de agressão para os espectadores, estas podem vir a ser as mesmas das vítimas ou dos agressores. Dessa forma, verifica-se que todo o ambiente escolar é afetado com a prática de atos violentos como o *bullying*. Assim, para Ruotti (2006, p. 185), conforme citado por Lima (2011, p.26).

Além das vítimas diretas e dos agressores, o ambiente escolar também é afetado quando não há nenhum tipo de controle sobre o comportamento agressivo. Os alunos passam a se sentir inseguros e insatisfeitos com a escola, além de começarem a considerar o *bullying* um comportamento aceitável.

Verifica-se também de acordo com Pepler (2008), as evidências de que crianças agredidas e que agredem, se não forem adequadamente tratadas ou reforçadas em outros comportamentos de interação mais saudáveis, podem tornar-se delinquentes, assassinos e agressores. Da mesma forma, estudos (Almeida, 2000; Parker e Asher, 1993; Xie *et al.*, 2005) atestam e concluem que marcas psicológicas deixadas pelas vivências em experiências de *bullying* podem ser determinantes para o estabelecimento de uma baixa autoeficácia e constituição, em geral, da personalidade dessas crianças, uma vez que influenciam negativa e seriamente o seu desenvolvimento

Grande parte das vítimas ainda não reage ou fala sobre a agressão sofrida, muitas vezes por medo de represálias ou receio de expor suas fraquezas. Dessa forma, observa-se por que, na maioria dos casos, professores e pais têm pouca percepção do *bullying*, subestimam a sua prevalência e atuam de forma insuficiente para a redução e interrupção dessas situações. No entanto, “as consequências a curto e longo prazo da agressão/vitimação não permitem que se continue encarando o problema das crianças agressivas ou das vítimas como um ‘treino para a vida’” (PEREIRA, 2002, p. 21).

2.3 O papel da escola no combate ao *bullying*

Quando nos referimos aos problemas decorrentes de comportamentos de alunos no contexto escolar, fica evidente a importância do papel da escola e de seus membros na resolução dos conflitos existentes. Na relação de envolvidos nos atos de *bullying*, não é diferente. A escola é corresponsável nos casos de *bullying*, pois é lá onde os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam na maioria das vezes.

As escolas precisam enfrentar o *bullying* construindo estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente educativo. A escola não pode ser um espaço de homogeneização, mas sim de resgate e respeito aos valores e às diferenças. As pessoas precisam aprender a reconhecer, assumir e aceitar a sua diferença, mas também necessitam aprender na escola a reconhecer como normal e natural a diferença de seus pares para poder respeitá-la. (MASCARENHAS, 2006).

Esta instituição não é somente transmissora de conteúdos apenas formais e acadêmicos. A escola, que, em seu início, teve função civilizatória (Lisboa e Koller, 2004; Lisboa *et al.*, 2009), com as novas configurações da sociedade, é considerada peça fundamental para a educação de crianças e jovens na atualidade, pois é pela educação que as gerações se transformam e se aperfeiçoam. Assim, quando se pensa em educação, é necessário pensar também na educação de sentimentos ou na expressão e no manejo desses. Devido ao seu poder propagador e multiplicador, espera-se que escola ensine às pessoas que ali estudam a lidar com suas emoções e com suas dificuldades, a respeitar as diferenças, a aprender a conviver, a socializar, a dividir, a compartilhar, a canalizar sua agressividade, enfim, a se relacionar de forma saudável, o que não ocorre em episódios de *bullying*.

É preciso que os professores cedam lugar, em suas aulas, à expressão do afeto, à educação dos sentimentos e à valorização das relações de amizade (Lisboa *et al.*, 2009). Também se faz necessário que esses profissionais estejam mais atentos ao que se passa na escola como um todo e não somente na sala de aula. Para se alcançar êxito na redução da violência, especificamente o processo de *bullying*, é necessário que se desenvolvam trabalhos nas escolas (Fante, 2005; Horne *et al.*, 2004). Da mesma forma, ressalta-se a importância de um maior comprometimento e relação mais próxima dos pais para com a escola, para que esses possam se conscientizar da problemática da violência e *bullying*, atuando como aliados na orientação dos seus filhos.

O professor que critica constantemente o seu aluno, o compara com outros, o ignora, está expondo esse aluno a ser mais uma das vítimas do *bullying* e de certa forma está agindo com desrespeito ao espaço pedagógico. A crítica injusta é uma das formas de má comunicação, que provoca ressentimento, hostilidade e deterioração de desempenho, seja em que idade for. (LOBO, 1997, p.91).

Em contrapartida, não se pode depositar nos professores a responsabilidade por todo *bullying* que ocorre nas escolas; no entanto, o *bullying* não é apenas um problema dos alunos, muito menos resultado natural da competição (PALÁCIOS; REGO, 2006), mas a relação professor-aluno é de extrema relevância na atuação sob a violência e no desenvolvimento de características individuais. Atitudes relativamente simples de respeito e afeto por parte do professor podem ser muito positivas, colaborando para diminuir a violência no ambiente escolar (MARRIEL et al., 2006).

Outro aspecto importante a ser considerado é no que tange a identificação precoce do *bullying* pelos responsáveis, não só os professores, como os pais. Como as crianças normalmente não relatam o sofrimento vivenciado na escola, a observação dos pais sobre o comportamento dos filhos é fundamental, bem como o diálogo franco entre eles. Os pais não devem hesitar em buscar ajuda de profissionais da área de saúde mental, para que seus filhos possam superar traumas e transtornos psíquicos.

Por isso, para prevenir a violência interpessoal, já é quase consenso entre profissionais de que agir sobre o problema identificado isoladamente pode não ser eficaz. É necessário, além de atuar nos diferentes níveis (jovem, família e escola), contar com um espectro amplo de possibilidades de ações, como, por exemplo: satisfazer necessidades básicas dos alunos, criando ambientes cooperativos, estimulando relações positivas (amizades) e oferecendo modelos não agressivos de resolução de conflitos. (GAJARDO, 2009).

Dessa forma, após o entendimento firmado do conceito do termo *bullying*, a caracterização dos seus envolvidos, as consequências desse fenômeno para esses sujeitos e o papel da escola no combate ou no fortalecimento dessas práticas, observou-se a necessidade de uma pesquisa empírica no ambiente escolar, a fim de verificar os aspectos relacionados a esse tipo de violência cada vez mais frequente entre alunos e muitas vezes, entre professores e alunos.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar e identificar aspectos envolvidos nas concepções professores do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental sobre *bullying* e violência escolar.

Objetivos específicos

- Verificar a relação entre as concepções docentes sobre *bullying*, seus posicionamentos pessoais e suas mediações pedagógicas;
- Identificar as medidas tomadas pelo professor frente às situações de *bullying*;
- Refletir sobre o papel da escola e da atuação docente no combate ou no fortalecimento das práticas discriminatórias.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa consiste em identificar e analisar as questões envolvendo a prática de *bullying* na escola na concepção dos professores, bem como mediações e intervenções nesses casos. Busca ainda, verificar se suas ações resultam de uma maneira positiva ou negativa na prevenção e combate ao *bullying* na sala de aula.

A pesquisa foi do tipo exploratória, que se caracteriza pela busca da constatação de atitudes ao enfrentamento ou possíveis omissões das questões que envolvem a prática de *bullying* na sala de aula, com os professores e pela orientação educacional. Esse tipo de pesquisa busca, pois, a caracterização inicial do problema, sua classificação e e sua definição.

O estudo empírico foi realizado com questionários semi-estruturados com professores que atuam ou atuaram no sexto ano (quinta série) do Ensino Fundamental e entrevista individual com a orientadora educacional. Os procedimentos ocorreram em horário em comum acordo entre as partes no espaço da escola. Em ambos os casos, o estudo procurou explorar a relação entre concepções e prática nos posicionamentos assumidos no plano narrativo e discursivo na entrevista com a Orientadora Educacional e nas questões abertas no questionário com os professores.

Junto aos questionários foi entregue aos participantes o termo de consentimento livre e esclarecido, com as informações referentes à pesquisa, bem como a finalidade do estudo. Dos 11 termos entregues aos professores, a maioria foi preenchido de forma completa, sendo que alguns dados não foram preenchidos por serem os mesmos contidos nas informações do formulário, contendo os dados sociodemográficos, que também foi entregue juntamente aos questionários aos participantes. O termo de consentimento livre e esclarecido entregue à orientadora educacional não foi devolvido.

3.1 Caracterização da instituição e dos sujeitos participantes

A pesquisa de campo aplicada para a realização desse trabalho, se deu numa escola pública da Região Administrativa da Candangolândia (DF). A escola aparece no rol das escolas de Ensino Médio, no entanto, como ressaltou a orientadora escolar, foi

necessária a implantação do Ensino Fundamental por falta de atendimento das respectivas séries escolares em outros segmentos de escolas públicas em tal região.

Esta escola atende cerca de 980 alunos, matriculados no ensino regular do quinto ao oitavo anos distribuídos em 27 turmas, contendo aproximadamente 35 alunos por turma. A maioria dos alunos mora na Candangolândia.

A escola tem espaço físico amplo e dispõe de 14 salas de aula, uma sala de professores, uma sala de vídeo com data show, sala de coordenadores e quadra de esportes

Também oferece atividades extracurriculares, como literatura, informática e futebol. Aos alunos que necessitam de acompanhamento escolar, são oferecidas aulas de reforço no CREA em horário oposto ao das aulas regulares. Os alunos portadores de necessidades educativas especiais são atendidos nas salas regulares, e no horário contrário ao das aulas frequentam a sala de recursos para um acompanhamento mais detalhado da aprendizagem.

Para a realização da pesquisa contei com a participação de 11 professores, de diversas disciplinas e com tempos de atuação distintos e de uma orientadora educacional.

Minha visita à escola se deu de maneira bem agradável. Fui muito bem recepcionada e a orientadora se mostrou bem disposta a colaborar com a minha pesquisa. Dessa forma, foi marcado um dia que eu pudesse visitar a escola e fazer a aplicação dos questionários junto aos professores.

Os professores trabalham da seguinte forma no decorrer das semanas: ministram aulas diariamente no período da manhã ou da tarde e coordenação pedagógica às segunda e quartas no período oposto ao das aulas. A orientadora me informou que a minha pesquisa poderia ser realizada em um dos dias de coordenação pedagógica.

No dia acordado para minha visita, cheguei à escola e me deparei com uma quantidade muito pequena de professores. Conversando com um deles fui informada de que os dias de coordenação haviam sido mudados naquela semana em função de uma feira de Ciências que seria realizada no dia seguinte pelos alunos. Apliquei o questionário com os professores presentes, mas como estavam no número de apenas 3, tive que voltar a escola para a aplicação dos demais questionários. Posteriormente retornei a escola para a aplicação dos demais questionários e realização da entrevista com a orientadora educacional. Senti um pouco de resistência dos professores ao responder as questões discursivas.

Quadro 1 – Informações gerais dos sujeitos de pesquisa

Sujeito	Idade	Formação	Tempo de atuação profissional na educação	Se professor, em que séries atua
Orientadora Educacional	39	Pedagogia	5 anos	
Professor 1	26	Graduação em educação física	2 anos	6° ao 9° anos
Professor 2	27	Graduação em história	5 anos	6° ano
Professor 3	30	Graduação em Filosofia	6 anos	6° ano e Ens. Médio
Professor 4	34	Graduação em geografia	9 anos	6° ao 9° anos
Professor 5	35	Pedagogia: Licenciada Letras: Licenciada Gestão e orientação educacional.	13 anos	6° ao 9° anos
Professor 6	30	Graduação em letras português	4 anos	6° e 7° anos
Professor 7	27	Graduação em matemática	3 anos	5° e 6° anos
Professor 8	37	Pós-graduação em docência em ensino superior.	20 anos	6° e 7° anos
Professor 9	50	Licenciatura em Artes visuais	18 anos	Anteriormente: 5° e 6° anos. Atualmente: 1° ano Ens. Médio
Professor 10	45	Estudos sociais habilitada em geografia-história e Gestão ambiental	20 anos	6° e 7° anos
Professor 11	31	Ciências biológicas: licenciada.	14 anos	6° ao 9° anos.

Os participantes têm entre 26 e 50 anos. Sete dos 12 participantes (58%) se concentram em cerca de 30 anos. Quanto ao tempo de trabalho, há professores novatos, com apenas dois anos de experiência em sala de aula, e professores bastante experientes, com 20 anos de carreira. Também sete é o número de participantes que atua na educação em escola há menos de 10 anos (58%), e 41% há cinco anos ou menos. Relativamente, é um grupo bastante novo na profissão, incluindo a Pedagoga que atua na função de Orientação Profissional. Nove dos professores têm graduação em um só curso, um em dois cursos e três possuem pós-graduação. Do total de professores, dois também dão aula no Ensino Médio.

3.2 Instrumentos utilizados

Nesta pesquisa foram utilizados dois instrumentos: o questionário e a entrevista. Esses instrumentos foram importantes para o colhimento dos dados necessários a análise e observação dos objetivos a qual se destinava esse trabalho.

3.2.1 Questionário

Segundo Parasuraman (1991), o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas Ciências Sociais. Este objetiva que o instrumento de coleta de dados tenha eficácia para a finalidade a que se destina.

Para a elaboração do questionário foram utilizadas questões que respondessem aos objetivos e questionamentos do estudo, referidos acima. Foram 32 itens semi-abertos. Em 29 deles, os participantes deveriam escolher de acordo à sua avaliação como discente, em: 1 para nunca, 2 para quase nunca, 3 algumas vezes, 4 frequentemente e 5 com muita frequência. Os itens 30 e 31 seriam respondidos de forma subjetiva, caso os itens 26 e 27 tivessem sido respondidos com numeração igual a 3 ou superior. Já o último item (31) deveria ser respondido de forma subjetiva, não dependendo da avaliação de nenhum item anterior.

O questionário foi elaborado de forma sucinta e objetiva a fim de facilitar a resposta dos participantes, visto que quando se trata de um instrumento muito extenso, muitas vezes a participação se torna cansativa e improdutiva. Mesmo assim, houve certa resistência por parte de alguns professores na resposta do questionário, ainda mais no que diz respeito aos itens abertos que exigiam respostas dissertativas.

Fazia parte do questionário também as informações sociodemográficas dos participantes da pesquisa. Com relação a este último senti um pouco de dificuldade em convencê-los a responder de forma completa, pois muitos consideraram que os dados eram irrelevantes, já que esses seriam preservados.

3.2.2 Entrevista

A entrevista se deu a fim de se obter informações da Orientadora educacional sobre o assunto pesquisado. A entrevista foi do tipo padronizada, onde havia um roteiro previamente estabelecido. As questões da entrevista foram elaboradas de forma mais extensa com questionamentos que mostrassem a percepção, compreensão e posicionamentos da Orientadora educacional diante das questões de *bullying* naquele espaço escolar, tanto com relação aos professores quanto com relação aos alunos.

A entrevista foi realizada na forma de diálogo em que eu fazia as perguntas e a Orientadora respondia de maneira calma e mais completa possível, sendo gravado em áudio para a posterior análise.

Esse instrumento tem sido empregado em pesquisas qualitativas como solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado (Banister ET AL., 1994).

4. PESQUISA EMPÍRICA: RESULTADOS E ANÁLISE

Neste trabalho os instrumentos metodológicos, tiveram o papel de fornecer dados de como o *bullying* se manifesta na sala de aula e nos ambientes escolares e como é a reação dos professores frente a essa prática, bem como se suas ações resultam de uma maneira positiva ou negativa na prevenção e combate ao *bullying* nesses ambientes.

Os parágrafos seguintes se referirão aos processos empíricos realizados e suas respectivas análises. Primeiramente serão mostrados os resultados referentes ao primeiro contato que tivemos com relação ao *bullying* para esses profissionais da educação, ainda no que diz respeito às concepções e práticas dos professores e orientadora educacional com relação ao *bullying*. Os resultados serão mostrados através de tabelas exemplificativas e posteriormente serão feitas as análises referentes à tabela.

Após, daremos atenção ao questionário em si, onde para melhor visualização se dividirá em blocos I, II e III para as questões objetivas. Estes contam com gráficos representando as respostas fechadas para cada bloco de perguntas, seguidas de análise. Por outro lado, as respostas abertas são apresentadas individualmente com comentários relacionando com a literatura.

4.1 Concepções e práticas dos professores e orientadora educacional com relação ao *bullying*

A partir do instrumento que levantou informações gerais sobre os participantes da pesquisa, professores e orientadora, podemos relacionar palavras-chave representativas dos significados que *bullying* mobiliza nesse segmento da comunidade escolar. Em um dos campos do quadro, solicitamos aos participantes que expressassem suas principais preocupações sobre a violência escolar (*bullying*) e principais estratégias que cada um considera importante para o enfrentamento do *bullying*, definindo-as em até três palavras. O quadro a seguir sintetiza esses conceitos.

Quadro 2 – *Bullying*: uma amostra das concepções e práticas dos professores

Sujeito	Principais preocupações sobre a violência escolar (<i>bullying</i>)	Principais estratégias de enfrentamento ao <i>bullying</i>
Professor 1	Agressão, humilhação, chacota.	Conversa, formação, amor
Professor 2	Consequências, auto-estima, impunidade.	Prevenção
Professor 3	Violência, estima, desrespeito.	Diálogo, amizade, solidariedade

Professor 4	Consequências vítimas\quem pratica.	Empenho das escolas\pais, diálogo, educação
Professor 5	Educação, arrogância, desrespeito	Orientar, educar, ensinar
Professor 6	Humilhação, desrespeito, consequências.	Atenção do professor, diálogo, prevenção
Professor 7	Perseguição, consequências, humilhação.	Diálogo, combate, punição dos agressores.
Professor 8	Violência, onde vamos parar.	Palestras, diálogos
Professor 9	Agressão física, psíquica e moral, assassinato.	Diálogo, palestras, distribuição de renda.
Professor 10	Falta de respeito, desvalorização, baixa auto-estima.	Diálogo, colocar-se no lugar do outro, legalidade
Professor 11	Agressão, chacota, humilhação	Conversa, formação, amor
Orientadora Educacional	Prevenção, acompanhamento, conscientização.	Palestras, campanhas, trabalhos envolvendo a comunidade escolar

4.1.1 Sobre as preocupações

Com relação às palavras que surgiram em resposta às preocupações que os professores detêm com respeito ao *bullying*, percebemos que os professores se limitaram a definir e a mencionar palavras que os faziam lembrar do *bullying*. Observamos que ao abordar as preocupações sobre a violência escolar (*bullying*) em até três palavras as respostas foram variadas. Se agruparmos as palavras pelo seu sentido, temos grupos maiores relacionando palavras em torno do desrespeito; da violência e agressão; e grupos menores mencionando a auto-estima e consequências possíveis para as pessoas envolvidas, principalmente, a vítima.

Alguns professores destacaram a preocupação com o impacto na auto-estima nos envolvidos no *bullying*. Dessa forma, quatro professores mencionaram palavras como *baixa auto-estima* e *arrogância*. Verificamos que essas preocupações são pertinentes, pois a posição que as crianças e os adolescentes ocupam entre seus pares é extremamente importante, uma vez que a auto-estima é uma função deste *status* dentro do grupo. As crianças cujos pares não gostam dela têm menos oportunidades de desenvolver suas habilidades sociais. (STEINBERG, 1999).

Grande parte das palavras abordadas pelos professores se referem também à preocupação com as consequências que esse fenômeno traz aos envolvidos, tanto para vítimas quanto para agressores. Assim, quatro dos 11 professores abordaram palavras como *consequências para vítimas*, *agressores*, ou ambos.

Segundo Lopes Neto (2005), a agressividade nas escolas é um problema universal. O *bullying* e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência. O *bullying* diz respeito a uma

forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de outra mais poderosa. Tanto o *bullying* como a vitimização têm consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores.

Desrespeito e humilhação foram palavras bastante recorrentes com relação às preocupações a respeito do *bullying*. Oito dos 11 professores mencionaram termos como: *falta de respeito e humilhação*. O termo *desvalorização* também se fez presente, embora em única referência. Com vistas a isso, estudos mostram que os incentivos à competição no ambiente escolar influenciam os problemas relacionados ao desrespeito. A pedagogia baseada na competição vem sendo muito empregada, trazendo várias implicações como estimular o individualismo e atrapalhar a convivência cooperativa entre os alunos. Para evitar o *bullying* não é preciso falar em respeito, pois nem sempre essa palavra encontra elo na vida do sujeito. Ele pode até saber o que significa, porém não lhe será útil, caso não seja vivenciado. Dessa forma, os educadores devem advir de experiências respeitadas para que essas sejam mais importantes e significativas para a vida dos alunos. (NATHALIE & MAUREEN, 2006).

Nove dos 11 professores associaram o *bullying* a uma forma de agressão, seja ela física ou psíquica e como violência. Eles mostraram-se preocupados também com as atitudes de perseguição dos agressores para com as suas vítimas e o possível sofrimento causado frente a esse tipo de violência, além da impunidade que assola o cenário de violência escolar, fortalecendo muitas vezes esse tipo de prática.

O termo violência escolar diz respeito a todos os comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo os conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, entre outros. Muitas dessas situações dependem de fatores externos, cujas intervenções podem estar além da competência e capacidade das entidades de ensino e de seus funcionários. Porém, para um sem número delas, a solução possível pode ser obtida no próprio ambiente escolar. O comportamento violento, que causa tanta preocupação e temor, resulta da interação entre o desenvolvimento individual e os contextos sociais, como a família, a escola e a comunidade. Infelizmente, o modelo do mundo exterior é reproduzido nas escolas, fazendo com que essas instituições deixem de ser ambientes seguros, modulados pela disciplina, amizade e cooperação, e se transformem em espaços onde há violência, sofrimento e medo (LOPES NETO, 2005).

Por definição, *bullying* compreende todas as atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudante

contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao *bullying* pode ser consequência da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. O que ocorre com frequência e pode explicar o *bullying* entre alunos de 6º. e 7º. anos, período de mudanças físicas e de personalidade. Trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais (Lopes Neto, 2005).

Outra preocupação com relação a referida questão, se deu quanto às medidas de prevenção e combate ao *bullying*. Quatro professores se referiram a palavras como *prevenção*, *acompanhamento*, *conscientização* e *educação*. É importante inferir, portanto que além das preocupações com os aspectos que definem o fenômeno *bullying* e as suas consequências devastadoras. Essas palavras podem sugerir uma postura mais ativa, talvez referindo-se ao seu combate e prevenção, colocando-os além de meros expectadores, como sujeitos com a capacidade de visualizar esse problema de maneira mais abrangente, participando de forma crítica e ativa, buscando em igual ordem, soluções.

4.1.2 Sobre as estratégias de enfrentamento

Quanto às estratégias de enfrentamento das questões relacionadas ao *bullying*, as palavras que foram mencionadas em maior quantidade se deram em torno da *conversa* e do *diálogo*. Para 10 dos 11 professores participantes, as atitudes citadas são as mais eficazes para se combater os problema trazidos por esse tipo de violência.

O diálogo, de acordo com a fundamentação teórica desta presente pesquisa é uma das formas mais eficazes de se prevenir combater o *bullying* na sala de aula. Com o diálogo o professor faz com que os alunos agressores reflitam sobre os seus maus atos, sobre as consequências que suas atitudes podem gerar nos alunos agredidos.

O que a escola nunca deve fazer é ignorar a existência de *bullying*, assim como negá-lo, devendo ser, antes de mais, coibidas todas as atitudes agressivas, desde usar apelidos maldosos à agressão física. As lideranças educativas, os docentes e os discentes precisam enfrentar o problema do *bullying* e da indisciplina na escola como forma de avançar na construção de estratégias que favoreçam a melhoria da qualidade do bem-estar psicossocial no ambiente educativo (ALMEIDA & DEL BAIRRIO, 2002; ÁVILES, 2002; ESPERANZA, 2001; LÓPEZ, 2001; MARINHO & CABALLO, 2002;

MARTINS, 2005; PERALTA, SÁNCHEZ, TRIANES, & DE LA FUENTE, 2003; RAMAL, 2006).

Outro ponto considerado importante para os professores analisados foram as palestras informativas e trabalhos envolvendo a comunidade escolar. Esses podem funcionar como complementação às suas respectivas formações acadêmicas ajudando-os a lidar eficazmente com as questões de *bullying* e violência em sala de aula. Esses recursos oferecem a eles também a oportunidade de conhecerem as características, bem como referências a casos concretos ocorridos no cotidiano de vários professores e a troca de experiências.

Para Cortellazzi, 2006, uma medida eficaz que as escolas deveriam inculcar nos seus conteúdos programáticos seriam ações de formação para professores, funcionários, pais e alunos, onde se procedesse a uma sensibilização para ao fenômeno e se disponibilizassem estratégias para lidar com ele eficazmente. A instituição de ensino deveria, também, incentivar o respeito pela heterogeneidade, ajudando os alunos a se colocarem no lugar do outro, não demonstrando atitudes racistas e preconceituosas, uma vez que os alunos tendem a copiar o comportamento dos adultos. Ensinar os alunos a serem responsáveis pelas suas atitudes, promover o diálogo entre todos os indivíduos do meio escolar e incentivar uma boa formação familiar regados de afetividade e amor, seriam medidas racionais e eficazes no combate ao *bullying*.

4.2 Análise dos questionários

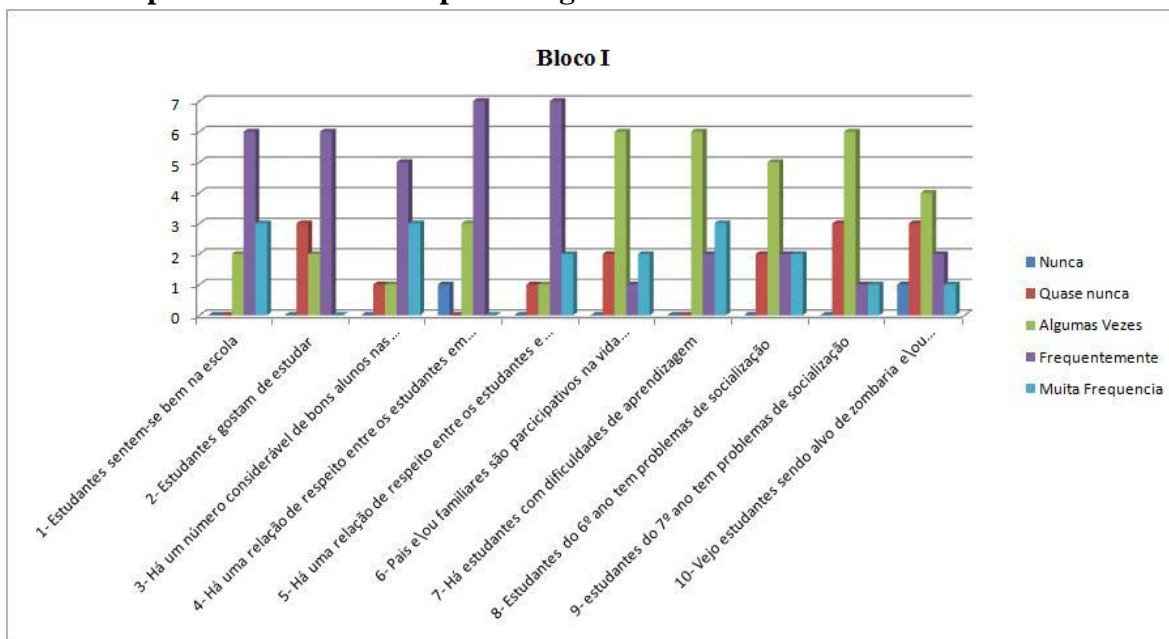
Trataremos aqui dos dados que foram relevantes para análise dos posicionamentos e das possíveis práticas de *bullying* na perspectiva dos professores, enfatizando a qualidade das relações interpessoais e enfocando, principalmente, a percepção e possível ação\omissão dos professores, bem como parte da comunidade escolar da forma como foi contemplada por este trabalho. As questões foram elaboradas por bloco, a fim de facilitar a análise e interpretação dos dados. Essas análises serão feitas com base nos gráficos elaborados para cada bloco de perguntas como segue abaixo.

4.2.1 Bloco de itens I

O primeiro bloco de itens numerado de um a 10 elenca questionamentos referentes a como os professores percebem os alunos com relação ao espaço físico da escola e da sala de aula, os processos de ensino-aprendizagem dos mesmos e como se

apresentam as questões ligadas à socialização entre pares, entre estes e professores e entre a participação familiar na vida escolar desses alunos. O gráfico 1 apresenta essas informações:

Gráfico 1 - percepção dos alunos com relação ao espaço físico da escola e da sala de aula e aos processos de ensino-aprendizagem



As questões 1, 2 e 3 estão enfatizam a opinião dos professores a respeito de como os alunos se sentem no ambiente escolar e se eles gostam de estudar, assim como se há bons alunos nas turmas de 6º e 7 anos. Como é possível observar nessas três questões, a maioria dos professores sinalizou que consideram que os alunos sentem prazer em estar no ambiente escolar e que de fato existe um número considerável de bons alunos nas salas que eles ministram, pois em sua maioria as respostas foram assinaladas se deram em torno de “frequentemente” e “com muita frequência”. Apenas três professores responderam “quase nunca” quando questionados se os alunos gostavam de estudar e dois com a frequência de “algumas vezes”. Logo, pode-se inferir que a relação de ensino aprendizagem se dá com eficácia nesta escola e há uma boa aproximação entre professores e alunos para que esse processo se viabilize. É possível que se perceba também uma contradição nesses modos, com a referência que faz parte da literatura ao abordar o distanciamento entre alunos e professores na sala de aula.

Quanto as questões quatro e cinco os professores afirmam em sua maioria que há “frequentemente” uma relação de respeito entre os estudantes e entre estes e professores. Este é um dado interessante, pois num cenário de violência generalizada, percebe-se que há a possibilidade de fortalecimento de vínculos com respeito, desenvolvendo-se ações de solidariedade e de resgate de valores de cidadania, tolerância e respeito mútuo (RIBEIRO CALIXTO, 2009).

Quanto a questão referente à participação dos familiares na vida escolar de seus filhos, pôde-se perceber que as respostas se deram em sua maioria em torno do “algumas vezes”. Com isso constata-se o distanciamento da família no cotidiano escolar de seus filhos. O crescimento do capitalismo e o aumento das ambições contribuem para que esse cenário piore cada vez mais, pois os pais estão priorizando as ações em torno de atividades que gerem renda e lucro e considerando a participação da vida escolar de seus filhos como atividades que podem ser secundárias.

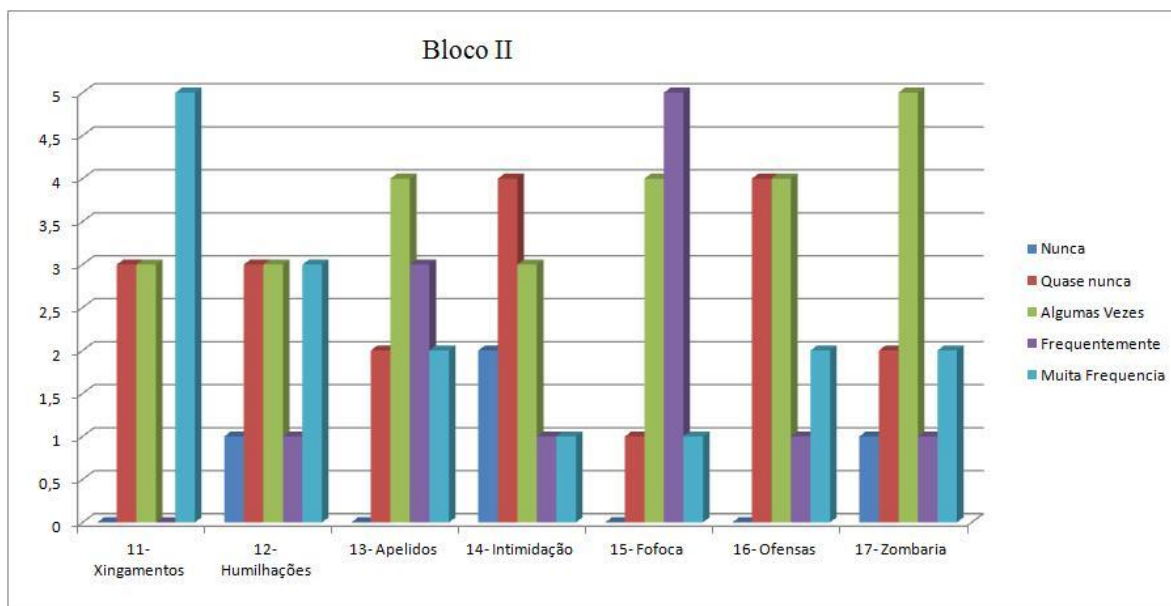
Segundo respostas dos professores “algumas vezes” observa-se estudantes com dificuldades de aprendizagem. Embora essa resposta tenha se dado em torno da frequência “algumas vezes”, essa questão merece atenção, pois este problema requer um acompanhamento mais detalhado pelos professores com o objetivo de se reconhecerem as possíveis causas dessa ocorrência.

As questões ligadas à socialização entre estudantes do 6º e 7º anos parecem estar bem resolvidas, pois a maioria das respostas dos professores quando questionados sobre problemas relacionados a essas questões giraram em torno de “algumas vezes” e “quase nunca”. Cabe aqui uma análise do que esses professores consideraram como “problemas de socialização”. Este pode ter sido entendido como um problema de interação entre estudantes e seus pares ou entre estes e os professores. Pela resposta das questões anteriores, a escola parece dar ênfase nos aspectos ligados aos bons relacionamentos sociais.

Na percepção dos professores a questão relacionada a zombarias e chacotas por meio da internet se dá com pouca frequência. A maioria das respostas se deram em torno de “algumas vezes” e “quase nunca”. Logo, percebe-se que essa não é uma questão que deva ter muito destaque nas análises as atitudes geradoras de *bullying* nessa escola em específico.

4.2.2 Bloco de itens II

Este bloco de itens compõe as questões 11 a 17 que se referem às atitudes dos estudantes que são comumente ligadas ao fenômeno *bullying*. Assim cada item foi avaliado, como no bloco anterior, de acordo com a frequência de ocorrência em que é percebido por cada professor, no ambiente escolar.

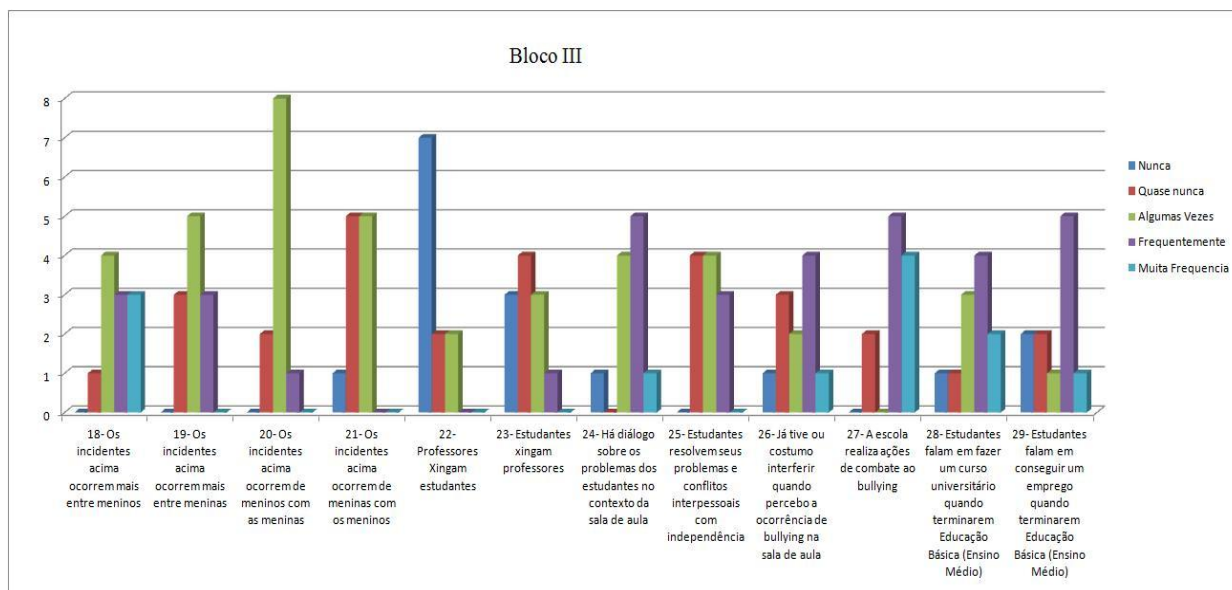


No item 11, observamos um dado bastante curioso, pois cinco dos 11 professores relataram presenciar xingamentos entre estudantes com muita frequência. Porém, no item quatro (apresentados no gráfico 1) sinalizaram que há frequentemente uma relação de respeito entre alunos. De forma geral, podemos conferir que as ações que podem sugerir ocorrência de *bullying* se relacionam com mais intensidade à xingamentos, fofoca e zombaria (por grau de importância) e, embora haja um certo nível de apelidos e ofensas, os casos de humilhações e intimidações são pouco relevantes. Várias hipóteses podemos formular no cruzamento destes dados, uma delas é sobre o sentido que é dado a palavra respeito pelos professores. Será que os xingamentos não são vistos como falta de respeito?

Segundo Fante (2005), o *bullying* escolar se resume em insultos, intimidações, apelidos constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuações em grupo que hostilizam e ridicularizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos, danos na aprendizagem.

4.2.3 Bloco de itens III

Este bloco de itens compõe os itens de 18 a 29 e se caracteriza por três grupos de questões. Um relacionado sobre o bloco anterior, com o objetivo de especificar os tipos de sujeitos envolvidos em tais ações. Outro com questões sugerindo ações referentes às possibilidades de intervenção e combate ao *bullying* pela escola e outras questões referentes a como os professores percebem as perspectivas futuras dos alunos.



Dos itens 18 a 21, podemos inferir que tanto entre os meninos como entre as meninas há uma certa ocorrência, mas não podemos afirmar que a questão de gênero prevaleça nas incidências de xingamento, fofoca, zombarias, sinalizadas no bloco anterior. Entretanto, há um interessante indicador de que, entre gêneros, os meninos tendem a provocar mais as meninas do que o inverso, na perspectiva dos professores.

Sobre os itens que se referem a práticas potencialmente favoráveis ao enfrentamento do *bullying*, é interessante destacar que os professores sinalizaram de forma positiva a existência de diálogo na sala de aula sobre os problemas dos estudantes. Inclusive, sinalizam que percebem pouca autonomia dos estudantes em resolver seus próprios problemas e que algumas vezes, já tiveram que interferir nas relações em sala de aula. Mas, o destaque vai para o item o qual demonstra que a escola é ativa quanto a realização de ações de combate ao *bullying*. A maior parte das respostas se deu em torno de “frequentemente” e “com muita frequência”. Portanto podemos

perceber que esta escola, de acordo com os professores, realiza muitas ações de combate e prevenção a essa prática.

O fenômeno *bullying* é complexo e de difícil solução, portanto é preciso que o trabalho seja continuado. As ações são relativamente simples e de baixo custo, podendo ser incluídas no cotidiano das escolas, inserindo-as como temas transversais em todos os momentos da vida escolar (LOPES NETO, 2005).

Por isso, segundo esse autor, o diálogo, a criação de pactos de convivência, o apoio e o estabelecimento de elos de confiança e informação são instrumentos eficazes, não devendo ser admitidas, em hipótese alguma, ações violentas.

Outro aspecto que devemos ressaltar são as respostas em torno das perspectivas futuras dos estudantes, que são variadas e se colocadas lado a lado, estão balanceadas, indicando talvez uma possível tendência de esses estudantes desejarem fazer um curso universitário e\ou conseguir um emprego no futuro.

4.2.4 Questões abertas

As questões abertas incluem as respostas dissertativas que os participantes deram aos itens 30, 31 e 32. As informações serão apresentadas em sequência e exibidas em formas de quadros e logo, serão comentadas.

A questão 30 (quadro 3) solicitou aos respondentes que haviam sinalizado positivamente o item 26 (*Já tive que intervir ou costumo interferir quando percebo a ocorrência de bullying na sala de aula*), que explicassem as ações tomadas e o impacto que tiveram. Embora sete participantes tivessem cumprido os requisitos, apenas três responderam a questão 30. Entre as respostas válidas, *conversa* está presente no discurso de todos os participantes.

Para Lopes Neto (2005), deve-se encorajar os alunos a participarem ativamente da supervisão e intervenção dos atos de *bullying*, pois o enfrentamento da situação pelas testemunhas demonstra aos autores que eles não terão o apoio do grupo.

Um aspecto observado e que se faz relevante é no que tange a maneira como se dão as ações tomadas por tais professores. Verifica-se que dois professores procuram interferir de forma ativa e direta, sendo eles mesmos os mediadores de tais situações, enquanto um professor ao perceber atitudes de *bullying* em sala de aula, encaminhou os alunos participantes à Orientação educacional, participando de forma um tanto quanto omissa e indireta frente a tais situações.

Quadro 3– ações tomadas pelos professores frente a situações *bullying* e seu impacto

Professor/a	Resposta	Palavras-chave
4	“Quando percebo que alguns alunos perseguem outros com piadas ou humilhações procuro conversar.”	<i>Conversas</i>
7	“ Um grupo de meninas resolveu perseguir uma outra menina por ela ser meio tímida e sofrer com sobrepeso. Muitas vezes ouvia apelidos e essa garota reclamava que as vezes chegava do recreio e seus materiais estavam sujos. Encaminhei as outras meninas que agrediam para a direção e a menina que era humilhada para o S.O.E e foram feitas reuniões com os pais e conversas com os agressores.”	<i>Reuniões com pais, encaminhamento dos agressores a direção e conversa com os mesmos.</i>
11	“Interferi com conversas, coloquei um aluno no lugar do outro para sentir a humilhação. Com isso percebi que foram acabando as “brincadeiras”.	<i>Conversas e desenvolver empatia.</i>

A questão 31 (quadro 4) solicitou aos respondentes que haviam sinalizado positivamente o item 27 (*A escola realiza ações de combate ao bullying*), que explicassem as ações tomadas pela escola e que efeitos tem conseguido entre estudantes). Embora nove participantes tivessem cumprido os requisitos, apenas sete responderam a questão 31.

Palestras apareceu como a opção mais indicada; *conversas e diálogo* apareceram três vezes; atividades vivenciais como *dinâmicas, jogos e oficinas* foi citado somente por um professor; *trabalho coletivo*, foi mencionado duas vezes.

Segundo citação de Almeida Sidnéia (2009) em *BULLYING: Conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar*, o conhecimento dos educadores quanto à presença desse fenômeno favoreceria um diagnóstico precoce e uma intervenção melhor planejada. Nesse sentido, verifica-se que a instrução dos professores através de palestras informativas seria favorável a essas questões.

Treinamentos através de técnicas de dramatização podem ser úteis para que adquiram habilidade para lidar de diferentes formas. Uma outra estratégia é a formação de grupos de apoio, que protegem os alvos e auxiliam na solução das situações de *bullying* (LOPES NETO, 2005).

O envolvimento de professores, funcionários, pais e aluno é outro aspecto fundamental para a implementação de projetos de redução do *bullying*. A participação

de todos visa estabelecer normas, diretrizes e ações coerentes. As ações devem priorizar a conscientização geral; o apoio às vítimas de *bullying*, fazendo com que se sintam protegidas; a conscientização dos agressores sobre a incorreção de seus atos e a garantia de um ambiente escolar sadio e seguro.

Quadro 4- ações tomadas pela escola e seus efeitos

Professor/a	Resposta	Palavras-chave
3	“O diretor frequentemente busca o apoio de palestrantes sobre o assunto”	Palestras
4	“A escola trabalha com bastante ênfase nessas questões, com conversas, explicação mediante trabalhos coletivos realizados pelos próprios alunos e consegue resultados positivos.”	Conversas e trabalhos coletivos realizados pelos alunos.
5	“Palestras envolvendo pais e mestres”	Palestras alunos e professores.
7	“A escola atua muito com a prevenção do <i>bullying</i> . Realiza palestras e incentiva os professores a trabalharem com a temática a fim de erradicá-la.”	Palestras e trabalho com professores.
8	“palestras, diálogos, oficinas.”	Palestras, diálogo, oficinas
10	“Palestras sobre o tema”	Palestras
11	“palestras, jogos, conversas, dinâmicas, trabalho etc”	Palestras, jogos, conversas, dinâmicas, trabalho.

A questão 32 (quadro 5) interrogou os professores de forma que eles respondessem de maneira subjetiva e livre sobre quais as ações deveriam ser desenvolvidas por cada um como forma de prevenção e combate às atitudes de *bullying* especificamente nas turmas de sexto e sétimo anos.

Nessa questão obtivemos resposta de todos os professores participantes e novamente nos deparamos com a maior parte das respostas em torno de ações como conversas e diálogos. Nove dos 11 professores se referiram a palavras como *conversas*,

diálogo e termos como *mesa redonda* e *rodas de conversas* como meios de se prevenir e combater atitudes de *bullying* na escola.

Citações como cursos para professores, atividades que melhorem o convívio social e ações que auxiliem na aceitação do diferente, bem como teatros e dramatizações também foram considerados por alguns como ações importantes no sentido de combater e prevenir o *bullying*.

Nesse sentido, as escolas precisam enfrentar o *bullying* construindo estratégias que favoreçam o bem-estar psicossocial no ambiente educativo. A escola não pode ser um espaço de homogeneização, mas sim de resgate e respeito aos valores e às diferenças. As pessoas precisam aprender a reconhecer, assumir e aceitar a sua diferença, mas também necessitam aprender na escola a reconhecer como normal e natural a diferença de seus pares para poder respeitá-la (MASCARENHAS, 2006).

Há uma citação de uma das professoras também se posicionando com descrença frente a ações isoladas “...sinceramente não acredito em ações isoladas, esse problema é mundial, assim como a pobreza e a violência banalizada pela mídia.”

Com vistas a isso, Catini (2004) postula que o *bullying* não é um fenômeno isolado e aponta como os principais fatores de risco associados os fatores da personalidade, dificuldades nas relações sociais, auto-estima, percepção do problema, ser vitimizado na escola ou fora dela, violência na comunidade, desajustes familiares, práticas educativas parentais, contexto escolar, alienação escolar e violência na mídia. Portanto, para esse autor, as ações devem ser em igual modo coletivas, envolvendo todos os segmentos da sociedade.

Uma citação foi bastante curiosa, quando um professor defendeu que deve-se reprimir as atitudes de *bullying*. No entanto, segundo Lopes Neto (2005) aos alunos autores, devem ser dadas condições para que desenvolvam comportamentos mais amigáveis e sadios, evitando o uso de ações puramente punitivas, como castigos, repressões mais severas, suspensões ou exclusão do ambiente escolar, que acabam por marginalizá-los.

Quadro 5 – Ações de prevenção e combate frente ao fenômeno bullying nas turmas de 6º e 7º anos

Professor/a	Resposta	Palavras-chave
1	“Sempre estar atualizado e fazer alguns cursos específicos sobre o assunto, para entender e atender melhor o que o <i>bullying</i> em geral proporciona, nesse caso nas crianças do (5º e 6º anos). Comentar sempre que possível com os alunos o fenômeno <i>bullying</i> escolar para que sane na esfera escolar e não venha a fazer parte na rotina do aluno, para que ele não se torne um adulto com auto estima baixa, isolado, não comunicativo entre outros aspectos estudados pelos especialistas no assunto.”	Cursos sobre <i>bullying</i> para professores, conversas com alunos. Com a finalidade de evitar as consequências desse fenômeno.
2	“Fazer rodas de conversa e atividades voltadas a bom convívio”	Rodas de conversas e atividades que melhore o convívio social.
3	“Conversar e mostrar a importância de se colocar no lugar dos outros. Ajudar os alunos a lidarem com o diferente.	Conversar e auxílio na aceitação do diferente.
4	“Palestras explicativas e diálogo”	Palestras e diálogo.
5	“Diálogo e orientação, inibindo xingamentos e fofocas”	Diálogos a fim de inibir xingamentos e fofocas.
6	“Com frequência os professores poderiam discutir sobre esse assunto através de meios interessantes: mesa redonda, teatro sobre assunto, etc.	Mesa redonda, teatros.
7	Diálogo, teatros com interpretação dos agressores e vítimas, palestras sobre o assunto.	Diálogo, teatro com interpretação: vítimas\agressores
8	“Diálogo”	Diálogo
9	“Muito diálogo e jogos como dramatizações, talvez ajudem a despertar uma “certa” “consciência”, mas sinceramente não acredito em ações isoladas, esse problema é mundial, assim como a pobreza e a violência banalizada pela mídia.”	Diálogos, jogos e dramatizações. Descrença em ações isoladas.
10	“Estar atento e não abandonar a causa do aluno agredido, sempre ter atitude, não se omitir ao perceber a agressão.”	Prestar atenção no aluno agredido, não se omitir.
11	“O que já fazemos, com conversas diárias e repressões.”	Conversas, repressões.

4.3 Entrevista com a Orientadora Educacional

As informações de entrevista com a orientadora estão organizadas em seis categorias: (a) Sobre a caracterização de bullying; (b) Sobre o bullying na escola; (c) Sobre a ação dos professores, Orientadora Educacional e Escola; (d) Sobre os estudantes de sexto e sétimo anos; (e) Sobre a diferença entre bullying entre meninas e meninos; (f) Sobre o relato de um caso concreto.

4.3.1 Sobre a caracterização de bullying

Para a Orientadora educacional, o *bullying* é considerado uma forma depreciativa de tratar o outro, um tipo de violência que está presente em maior ou menor grau, mas que sempre existe. Ela diz que antes esse fenômeno era velado, mas que nos dias de hoje está cada vez mais explícito, pois as crianças estão tendo a iniciativa de denunciar. Segundo ela: “É uma violência, que infelizmente acontece em todo meio agora, em todas as escolas, cada vez mais a gente vê casos, está cada vez mais explícito. Antes era velado, hoje não, até porque os meninos estão contando, eles estão tendo coragem de chegar até a gente e contar”.

Para esta profissional, os meninos se agredem e muitas vezes consideram tal agressão um tipo de brincadeira, pois por não terem consciência, não têm noção do sofrimento que estão causando. Brincadeiras de mal gosto como chamar o colega de baleia, feio, dentuço, ou seja, brincadeiras que de alguma forma tendem a ofender seus receptores, estão presentes no cotidiano das salas de aula e a partir do momento em que seus receptores passam a sofrer as consequências oriundas dessas brincadeiras, seja elas no âmbito afetivo ou na aprendizagem, esta criança se torna mais uma vítima do *bullying*. O *bullying* é considerado toda forma de agressão, seja ela física ou verbal, sem um motivo aparente, causando em suas vítimas consequências que vão desde o âmbito emocional até consequências na aprendizagem (FANTE, 2005).

4.3.2 Sobre o bullying na escola

Segundo a Orientadora educacional na escola há casos de *bullying* e estes chegam até a ela a coordenação e a direção por meio de denúncia dos próprios alunos, que muitas vezes se reportam a ela com dificuldade por se sentirem envergonhados, e dos professores que percebem os comportamentos das vítimas mudarem. Para Fante (2005), as vítimas têm um grande medo de denunciar os seus agressores, por medo de sofrer represália e por vergonha de admitir que está passando por situações humilhantes

na escola. A Orientadora destaca que os professores percebem que os alunos vitimizados costumam ter o rendimento escolar diminuído e a terem faltas recorrentes.

A esse respeito Fante (2005, p.44) comenta:

As consequências para as vítimas desse fenômeno são graves e abrangentes, promovendo no âmbito escolar o desinteresse pela escola, o déficit de concentração e aprendizagem, a queda do rendimento, o absentismo e a evasão escolar.(FANTE, 2005, p.44).

Esta profissional diz que a forma mais eficaz de prevenção e combate contra o *bullying* e que a escola adota é a conscientização, pois através dela os alunos saberão o que faz o outro sofrer, quais as brincadeiras o são realmente e quais atitudes maltratam o colega. Ela julga, também, que trabalhar o respeito mútuo é de extrema importância para essa conscientização. Dessa forma, menciona que:

É a conscientização que tá faltando ainda. Eu acho que no plano ideal, o que poderia ser feito durante todo ano é essa coisa da prevenção mesmo, palestras, trabalhos realizados pelos próprios alunos, eles reconhecerem em si onde que estão errando, o que estão praticando. (FANTE, 2005).

4.3.3 Sobre a ação dos Professores, da Orientadora e da Escola

Segundo a fala da Orientadora educacional, os professores não estão preparados para lidarem com questões de *bullying* especificamente e por isso, sempre que há ocorrência de algum caso concreto na escola ou em sala de aula, eles procuram o Serviço de Orientação Escolar que lhe fornecem suporte para casos referentes a prática de *bullying*. De acordo a ela: “eles percebem e recorrem até nós. Pedem socorro e a gente monta junto um projeto para trabalhar essa coisa da violência, essa coisa do respeito, da perseguição...”

A orientadora diz ainda que ainda há muita confusão por parte dos professores do que é *bullying* e às vezes são levados casos até ela que não podem ser considerados como tal. Assim, segundo ela.

Então quase tudo que eles trazem, eles trazem como *bullying*, mas na verdade quando a gente vai averiguar, não é *bullying*, é uma violência, uma coisa que aconteceu um dia, não é recorrente não é com o mesmo aluno, não é com o mesmo grupo ou a mesma pessoa fazendo. Falta mesmo uma preparação para eles saberem diferenciar...

Para a grande maioria dos autores citados nesse trabalho, podemos perceber que para que seja considerado *bullying*, as ações devem estar caracterizadas como

recorrentes e devem causar sofrimento às vítimas, portanto nem todas as atitudes violentas podem ser consideradas como *bullying*.

É importante salientar também que a frequência de respostas dos professores quanto ao que poderia ser feito para prevenção e combate ao *bullying* nas questões anteriores se deu em maior parte no que se refere a realização de palestras informativas para os professores. Isso pode ter se dado devido à falta de informação que estes ainda têm sobre essas questões de *bullying* e como lidar com ela.

Embora estes professores não tenham muita instrução de como lidarem com questões de *bullying*, a orientadora diz que eles agem de forma bem positiva e válida quanto aos seus trabalhos de prevenção a essa prática em sala de aula. Ela diz que:

Os professores daqui eles já agem de forma bem interessante. Eles tem um olhar muito crítico. Percebem quando um aluno mudou o comportamento. Eles mesmo em sala de aula fazem um trabalho...

Pelo que podemos perceber com o discurso da Orientadora Educacional, a escola investe bastante nas questões de combate ao *bullying*. Todos os anos a escola conta com a parceria da polícia militar que oferece palestras para os alunos e professores a respeito do tema e mobiliza a comunidade escolar a refletir sobre os malefícios causados por esse tipo de prática. A comunidade escolar conta ainda com a iniciativa de um grupo de jovens da secretaria de cultura que realiza ações esporádicas no ambiente escolar com palestras, brincadeiras e simulações.

A orientadora menciona também que este ano contou com a participação de um professor de Geografia que auxiliou no trabalho contra o *bullying* na escola. Esta ação se mostrou bastante interessante e produtiva, pois segundo ela, este professor trabalhou a questão em todas as turmas do colégio, apresentando a temática, falando das consequências geradas por este ato e desenvolvendo ações de combate entre os próprios alunos. Nessas ações os alunos elaboram cartazes, montaram peças teatrais onde se passariam por vítimas, agressores e expectadores.

Há também no âmbito escolar ações de atendimento individual com a orientação Educacional e em casos mais graves encaminhamentos a instituições que oferecem atendimento psicológico e individualizados às crianças que tiveram traumas e sequelas mais severas.

4.3.4 Sobre os estudantes de sexto e sétimo anos

A maior ocorrência de *bullying* escolar ocorre nos sextos e sétimos anos, segundo a Orientadora, pois segundo ela os alunos tem menos consciência do que está acontecendo e talvez não saibam ainda se colocar no lugar dos outros. Desse modo podemos perceber que há pouco respeito entre os alunos e este relacionamento entre pares é deficitário.

Em contrapartida, quanto ao respeito entre professores e alunos observamos que há maior ocorrência e que esta é bastante satisfatória, inclusive a orientadora cita a referência a isso que:

Não sei se é porque eles estão saindo do quinto ano, estão meio tímidos, ainda mais que nós aqui temos nono anos e 3º anos juntos, então tem um respeito maior nas séries de sexto e sétimos anos...

4.3.5 Sobre a diferença de *bullying* entre meninos e meninas

Segundo à orientadora educacional ,o *bullying* se diferencia entre meninos e meninas. Ela diz que entre meninas esse fenômeno ocorre em sua maioria com fofocas, intrigas, depreciação e exclusão. Já entre meninos ocorrem agressões físicas e verbais como xingamentos e humilhações.

De acordo com a pesquisadora norte americana Rachel Simmons especializada em *bullying* entre meninas é muito mais fácil reconhecer um autor de *bullying* do sexo masculino. Segundo Simmons (2001), as garotas são mais discretas quando cometem as agressões, manifestadas na maioria das vezes em formas de boatos, exclusões, sussurros, que no entanto magoam e causam consequências emocionais assim como as agressões físicas e verbais. A esse respeito, Neto (2004, p.36) comenta:

O *bullying* é classificado como direto quando as vítimas são atacadas diretamente, ou indireto, quando as vítimas estão ausentes. São considerados *bullying* direto os apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões ou gestos que geram mal estar aos alvos. São atos utilizados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. O *bullying* indireto compreende atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos, sendo mais adotados pelas meninas.

4.3.6 Sobre o relato de um caso concreto

A Orientadora Educacional conta que este ano veio à tona o relato de um estudante do nono ano que vem sofrendo perseguições há dois anos,

Ele conta que em sala de aula os colegas colocam apelidos nele todos os dias, que batem na cabeça dele... e ele conta que também ao sair da escola esse mesmo grupo o perseguia, ia atrás dele, ia batendo, ia jogando pedra.

O comportamento desse aluno nunca foi percebido pelos professores, pois este sempre foi um aluno muito quieto e tranquilo, como descreve a Orientadora. Dessa forma, um determinado dia a mãe procurou a regional de ensino e o caso foi parar na Delegacia da Criança e do Adolescente.

A escola também tomou atitudes consideradas pertinentes com relação ao caso. Segundo a Orientadora:

Nós chamamos os pais de todos os envolvidos e participantes, nós fizemos uma reunião, nós falamos o que era *bullying*, falamos juntamente com os pais e os meninos. As consequências que aquilo dali estava trazendo para a vida do aluno, porque ele já tava ficando depressivo, ele não estava mais querendo vir à escola, a mãe conta que ele chorava constantemente, mas assim, nós fizemos um acordo tanto com os pais tanto com os alunos...

Assim, os professores devem lidar e resolver efetivamente os casos de *bullying*, enquanto as escolas devem aperfeiçoar suas técnicas de intervenção e buscar a cooperação de outras instituições, como os centros de saúde, conselhos tutelares e redes de apoio social (LOPES NETO,2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de analisar e identificar aspectos envolvidos nas concepções professores do sexto e sétimo ano do ensino fundamental sobre *bullying* e violência escolar, retomamos os nossos objetivos específicos para integralizar e sistematizar as informações construídas ao longo do processo de pesquisa empírica em diálogo com a literatura que aqui apresentamos.

Verificar a relação entre as concepções docentes sobre *bullying*, seus posicionamentos pessoais e suas mediações pedagógicas; refletir sobre o papel da escola e da atuação docente no combate ou no fortalecimento das práticas discriminatórias; observar quais as medidas tomadas pelo professor frente às referidas situações.

Inicialmente também nos propusemos a responder algumas perguntas, as quais retomamos aqui para tecer as palavras finais para este estudo, mas sabemos que são palavras provisórias em relação ao processo de pesquisa e de construção do conhecimento sobre o tema que ainda se mostram necessários. Nossas inquietações antes da presente pesquisa eram: Os professores recebem algum preparo para lidarem com a questão do *bullying* no ambiente escolar? Que medidas são adotadas para o combate ao *bullying* no contexto escolar? A escola abre espaço para denúncia de atos agressivos e violentos? Quais as atitudes da escola frente a situações de violência como o *bullying*? O *bullying* pode ser a causa dos problemas de aprendizagem?

Este trabalho contou com uma pesquisa investigativa a qual foram utilizados instrumentos de questionário com professores e entrevista com a orientadora educacional, que viabilizaram a coleta dos dados relevantes e às respostas aos objetivos a que nos propomos investigar.

Ainda com relação aos instrumentos de pesquisa é importante mencionar que sobre o questionário, creio que este seja um meio freqüentemente utilizado nas pesquisas, mas não o considerei integralmente eficaz nessa pesquisa. Os professores se mostraram resistentes em responderem os itens, sobretudo os subjetivos que demandavam um grau um pouco maior de pensamento e reflexão. Com relação à entrevista, obtive mais credibilidade e empenho da orientada nas respostas.

A partir da análise dos dados obtidos pelos questionários e entrevista com a orientadora educacional, pôde-se observar que as atitudes docentes previnem e

combatem o *bullying* na sala de aula, assim como podem fazer com que casos de *bullying* ocorram na sala de aula, devido a essas atitudes, vindo a comprovar o que diz o referencial teórico citado ao longo de todo o trabalho quando tratamos do comportamento do professor nas relações sociais com alunos e suas atitudes de respeito.

Através dos questionários respondidos pelos professores, foi possível obter uma amostra das idéias que dizem respeito ao *bullying* e ao papel do professor frente ao problema. E, através da entrevista com a orientadora educacional foi possível confirmar alguns dados e cruzar as informações contidas nas respostas dos questionários pelos professores.

Ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar é fundamental ao educador e futuro educador. Outro fator importante para o educador é que se em sua sala de aula os alunos não se sentirem bem e felizes com o ambiente, o processo educativo dos alunos sofrerá conseqüências.

Com esta pesquisa pôde-se observar que o *bullying* é um assunto pouco conhecido entre os professores de um modo geral, sendo que estes não tem um conhecimento aprofundado dos males que está praticando podem gerar nos alunos envolvidos, tanto no âmbito emocional e psicológico tanto na aprendizagem.

Porém, os dados verificados revelaram professores atuantes e preocupados com o desenvolvimento acadêmico de seus alunos. Contudo, a orientadora educacional se mostrou melhor informada e sabendo lidar com mais eficácia quando necessário a sua intervenção nos casos e atitudes de *bullying* no ambiente escolar.

Dessa forma, percebemos que para se prevenir a ocorrência de *bullying* na sala de aula, não é necessariamente fundamental que o professor conheça o contexto de *bullying* e suas conseqüências, pois este nada mais é do que o desrespeito ao próximo, a não aceitação das diferenças, tanto físicas, quanto sociais, religiosas, enfim, as diferenças existentes de um ser humano para outro. Para se prevenir o *bullying*, portanto, é necessária uma postura do professor com relação a classe, trabalhando com seus alunos todos esses aspectos citados anteriormente. Todavia, não podemos atribuir exclusivamente ao professor a responsabilidade de prevenir e combater o *bullying* na sala de aula, mas sim que ele tem um papel fundamental para que o *bullying* não faça parte do cotidiano escolar.

Espera-se com esse trabalho de pesquisa, ter contribuído com a ampliação e a reflexão sobre a importância do papel do professor frente ao *bullying* e de suas atitudes perante os alunos, no qual ficou comprovada através da literatura, que podem gerar casos de *bullying* entre os alunos.

Em suma, o professor não deve dar chances através de suas ações para que casos de *bullying* venham acontecer no ambiente escolar. Pelo estudo realizado, apresenta-se aqui uma proposta de se fundamentar o *bullying* e suas consequências. As professoras poderiam trabalhar com seus alunos Os direitos da criança e fazer uma discussão em sala, falando da importância do se respeitar a diferença do outro, aceitar o outro como ele é, sem fazer brincadeiras e ofensas sobre essas diferenças etc.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

No curso de pedagogia aprendemos sobre várias abordagens possíveis para a atuação do pedagogo. Este pode exercer seu papel de educador em vários ambientes e não só no ambiente escolar, como julga o senso comum.

O papel do professor em sala de aula afigura-se como um fator muito importante na formação dos indivíduos. Os atos deste podem fazer a diferença na vida de uma pessoa, pois dependendo do modo que a intervenção docente é feita em certos momentos e comportamentos, as atitudes podem ser reforçadas ou desfeitas.

No que diz respeito à violência nas escolas podemos observar que atitudes e ações de mudança dos professores na forma de lidar com o problema colaboram para um progresso na batalha contra a violência escolar. A transformação deve ser antes de tudo um processo educacional, não somente de crianças e adolescentes, mas também de adultos, quais sejam professores, pais, comunidade, pois estes últimos têm de dar o bom exemplo. Somos convencidos de que não adianta apenas "ensinar" a paz, por meio de frases bonitas e de argumentos intelectuais. É preciso atingir o caráter, as emoções, os sentimentos. E isto é uma questão de educação muito mais que de ensino e instrução.

Em ambientes não escolares o papel do pedagogo é de igual forma importante. Este pode atuar em diversos ambientes, como hospitais, empresas particulares e órgãos públicos, consultórios psicológicos na função de psicopedagogo entre outros. Onde há uma prática educativa, existe aí uma ação pedagógica.

Diante da atual realidade em que se encontra a sociedade, a educação tem se transformado na mola mestra para enfrentar os desafios que se articulam dentro dela e em todos os seus segmentos. Assim tem crescido muito atualmente a demanda por pedagogos em ambientes como empresas e órgãos públicos e privados, a fim de suprir a necessidade de informação, atualização do conhecimento, formação continuada, além do auxílio com relação à comunicação dos colaboradores e resolução de conflitos interpessoais.

Assim, com o término do curso de pedagogia, pretendo continuar minha jornada de estudos para concursos públicos, a partir de então para cargos de nível superior. Almejo desse modo, atuar como pedagoga em algum órgão público, colaborando para o planejamento das ações dos profissionais, formação continuada de servidores etc, a fim

de participar na continuação do processo de ensino aprendizagem nesses ambientes não escolares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002.

ALMEIDA, A. M.; LISBOA. C.; CAURCEL, M. J. Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. **Interamerican Journal of psychology**, v. 41, n. 2. , 2007.

ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira; RUOTTI, Caren. **Violência na Escola**. São Paulo: IMESP, 2006.

BANDEIRA, C. M. (2009). *Bullying: Auto-Estima e diferenças de gênero*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre

BEAUDOIN, Marie-Natalie (2006). *Bullying e Desrespeito: como Acabar com essa Cultura na Escola*. Trad. Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed.

BRANCO, Angela Uchoa. **Sociogênese e Canalização Cultural: Contribuições à análise dos contextos de sala de aula**. Disponível em Temas psicol. v.1 n.3 Ribeirão Preto dez. 1993.

CAMPOS, Herculano Ricardo; JORGE, Samia Dayana Cardoso. **Violência na escola: uma reflexão sobre o bullying e a prática educativa**. Aberto, Brasília, v. 23, n. 83, p. 107-128, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.rbep.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/1636/1302>> Acesso em: 2 de nov. de 2011.

CANTINI, N. (2004). *Problematizando o bullying para a realidade brasileira*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de

CASTRO, Manuel Armas; BARBAZÁN, Maria Armas. **Violência na Escola**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

CERQUEIRA, Tereza Cristina Siqueira; POLONIA, Ana da Costa; PINTO, Cleide B. G. Cintra; CASTRO, Fausto Calaça G.; MONTENEGRO, Maria Eleusa; ZINATO, Vitorina Angelica M. **O Autoconceito e a Motivação, na Construção da Subjetividade: Conceitos e Relações**. Intermeio: revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, v. 10, n 20, p.30-40, 2004.

COLE, Michael; COLE, Sheila. “Reações Psicológicas do Adolescente” **O Desenvolvimento da criança e do Adolescente**. (Tradução: Magda França Lopes). Porto Alegre: ARTMED, 2003, pp. 689-697.

ERIKSON, Erik. “O ciclo vital: epigênese da identidade e Contribuições sobre questões contemporâneas: juventude.” **Identidade Juventude e Crise**. (Tradução: Álvaro Cabra). Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987, pp. 128-142 e 233-263.

GOMES, Jenifer Medeiros. **As Configurações do Fenômeno *Bullying* no ambiente Escolar e Suas Implicações Psicológicas**. Defesa em 2007. Obtenção do Grau de Bacharel em Psicologia-Universidade do Extremo Sul Catarinense/UNESC.

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemologia cualitativa y subjetividad**. La Habana: Pueblo y Educación, 1997.

GROSSI, Patrícia Krieger; SANTOS, Andrei Mendes. **Desvendando o fenômeno *bullying* nas escolas públicas de Porto Alegre, RS, Brasil**. Revista Portuguesa de Educação, Vol. 22, Núm. 2, 2009, pp. 249-267, Universidade do Minho.

HEATHERTON, T. F., & Wyland, C. L. (2003). Assessing self-esteem. Em S. J. Lopez & C. R. Snyder (Orgs.), **Positive psychological assessment: a handbook of models and measures** (pp.219-233). Washington, DC : American Psychological Association.

HURTZ, C. S. (2000). **Adaptação brasileira da escala de auto-estima de Rosenberg**. Manuscrito não-publicado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

LIMA, Karine Coutinho. **O papel do professor na intervenção ao *bullying***. Defesa em 2011. 54 folhas. Monografia do curso de licenciatura em Pedagogia - Universidade de Brasília / Faculdade de Educação, Brasília, 2011.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. Porto Alegre, v. 81, n. 5, Nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 de out. 2011.

MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli; CRUZ, Marcelo S., **O adolescente e o uso de drogas**. Rev Bras Psiquiatr 2000;22(Supl II):32-6. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44462000000600009&script=sci_arttext&tlng=es> Acesso em: 14 de nov de 2011.

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 127, abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742006000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2011.

MASCARENHAS, S. (2006). **Gestão do *bullying* e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia)**. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7(1), 95-107.

MORRIS, Charles; MAISTO, Albert. “Motivação e emoção- outros motivos importantes” **Introdução à Psicologia**. (Tradução de Ludmilla Lima, Marina Sobreira Duarte Batista). São Paulo: Prentice Hall, 2004, pp. 274-280.

MUUSS, Rolf. **Teorias da Adolescência**. (Tradução: Instituto Wagner de Idiomas). Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

NETO, Aramis Lopes; SAAVEDRA, Lucia Helena. *Diga não ao bullying*. Rio de Janeiro: ABRÁPIA, 2003.

NOGUEIRA, R.M.C. del Picchia. **A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas**. Revista Iberoamericana de Educación - Número 37, Abr. 2005. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie37a04.htm>> Acessado em: 14 de nov. de 2011.

NUNES, Clarice. **Ensino Médio**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

OLIVEIRA, M. K. (1997). **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione.

OLWEUS, D. (1993). *Bullying at school. What we know and what we can do*. Oxford, UK: Blackwell.

PINHEIRO, Fernanda Martins França. **Violência intrafamiliar e envolvimento em “Bullying” no ensino fundamental**. 2006. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial)–Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. “Violência nas escolas: como defini-las?” In CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo: Andhep, 2006, pp. 23-52.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

TACCA, M. C. V. R. **Ensinar e aprender: análise de processos de significação na relação professor x aluno em contextos estruturados**. Brasília, 2000. Tese (dout.) Universidade de Brasília.

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual Antibullying: para alunos, pais e professores**. Rio de Janeiro: BestSeller, 2011.

VIERIRA, Rafael Rodrigues. **Bullying: Estudo de caso em escola particular**. Dissertação apresentada ao instituto de Psicologia da Universidade de Brasília a título de mestrado. Defendida em Dez. 2009. Campinas, Campinas, São Paulo.

Portais eletrônicos consultados:

< <http://www.psiqweb.med.br>> Acessado em: 9 de nov. de 2011.

<<http://estacaodanoticia.com/index/comentarios/id/24783>> Acessado em: 9 de nov. 2011.

<<http://estacaodanoticia.com/index/comentarios/id/25257>> Acessado em: 14 de nov. 2011.

<<http://www.band.com.br/aliga/episodios.asp>> Acessado em: 23 de nov. 2011.

<<http://www.ibge.com.br/home/>> Acessado em: 23 de nov. 2011.

<<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=395>> Acessado em: 19 de nov. 2011.

<<http://www.rockstargames.com/bully/home/>> Acessado em: 19 de nov. 2011.

<<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=4870>> Acessado em: 20 de nov. de 2011.

<<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=4870>> Acessado em: 26 nov. 2011.

ANEXOS

Anexo I - CARTA DE APRESENTAÇÃO À ESCOLA



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos

Brasília, 16 de setembro de 2011

Senhor(a) Diretor(a),

A aluna Everlaine Santiago de Moura, matrícula UnB no. 06/83469, é aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e está atualmente na fase final de seu curso, momento da realização do trabalho monográfico de conclusão de curso, denominado no currículo do curso de “Projeto 5”, sob minha orientação, Prof. Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire.

O programa do Projeto 5 tem por objetivo proporcionar ao nosso aluno em formação oportunidade de desenvolver um olhar investigativo sobre os processos escolares como forma de enriquecer a sua experiência de formação tanto no magistério em sala de aula como em pesquisa.

Sob a minha orientação, Everlaine tem o interesse de investigar as percepções dos professores de quinta e sexta séries sobre as questões envolvidas no fenômeno de *bullying* na escola e seu impacto no processo de aprendizagem. Acreditamos que esse diálogo possa trazer contribuições significativas para compreender e elucidar práticas de prevenção à violência escolar que afeta tantas crianças e jovens na escola hoje em dia. Por isso, ela gostaria de aprofundar mais essas questões por meio de um estudo empírico.

Apresentamo-nos a esta instituição no intuito de conhecer a realidade educacional e avaliar junto à direção e equipe pedagógica a possibilidade de aplicarmos um questionário e realizarmos uma entrevista com professores de quinta e sexta séries e, possivelmente, com alguns alunos e alunas para conversar sobre o sentido das práticas de bullying e suas relações com o processo de aprendizagem e desenvolvimento escolar. Desde já esclarecemos que o trabalho tem cunho investigativo focado no desenvolvimento dos processos subjetivos de uma forma positiva e construtiva, e que os procedimentos de pesquisa não oferecem nenhum risco ou prejuízo nem para a instituição nem para os sujeitos entrevistados. Coloco-me a disposição para quaisquer dúvidas pelo número 84945116 e por meio do endereço eletrônico sandra.ferraz@gmail.com.

Atenciosamente,

Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Anexo II- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA****Faculdade de Educação****Departamento de Teoria e Fundamentos**PESQUISA: *O papel da escola no combate ao bullying*

Everlaine Santiago de Moura

Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa sobre **Bullying** realizada por **Everlaine Santiago de Moura**¹, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB n **06/83469** sob a orientação da Prof^a Dr^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire².

O trabalho consiste em **identificar e analisar as questões envolvendo a prática de bullying na escola na concepção dos professores, bem como suas mediações e intervenções nesses casos**. Para isso, o estudo realizará questionários semi-estruturados com professores do sexto ano (quinta série) do Ensino Fundamental e entrevista individual com orientadora educacional. Os procedimentos ocorrerão em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola. Serão, preferencialmente, gravadas em áudio.

Minha participação é totalmente voluntária e será garantido o sigilo de meu nome e de todos os sujeitos participantes das entrevistas, como forma de preservar a identidade de cada um.

Os benefícios recebidos serão em termos de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho **de enfrentamento às práticas de violência e bullying entre estudantes**.

() concordo em participar deste estudo

Local e data: _____

Nome do(a) participante: _____

RG ou CPF do(a) participante: _____

Endereço do(a) participante: _____

Telefone do(a) participante: _____

E-mail do(a) participante: _____

Assinatura do(a) participante: _____

¹ Contato: Everlaine Santiago de Moura- E-mail: ivy_s_m@hotmail.com

² Prof^a Dr^a Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com.

Anexo III- FICHA DE DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA Faculdade de Educação Departamento de Teoria e Fundamentos PESQUISA: <i>O papel da escola no combate ao bullying</i> Everlaine Santiago de Moura Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

INFORMAÇÕES GERAIS DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nome				
Endereço completo				
CEP	Cidade		Estado	País
Telefone	Celular	E-mail		
Sexo M F	Data de Nascimento	Idade	UF de nascim.	Há quantos anos em Brasília?
Casada(o) _____ Solteira(o) _____	Filhos			
Formação (técnica e/ou superior) - curso e ano de conclusão				
Tempo de atuação profissional na educação		Há quanto tempo na SEE-DF?		Se professor, em que séries atua?
Tempo de docência	Outros cargos pedagógicos ou administrativos (sala de aula)			
Principais preocupações sobre a violência escolar (<i>bullying</i>) (até 3 palavras ou ideias)		Principais estratégias de enfrentamento ao <i>bullying</i> : (até 3 palavras ou ideias)		

Autorizo a utilização das informações acima providas por mim para fins de pesquisa acadêmica sabendo que minha identidade será plenamente preservada.

Local/Data	Assinatura
------------	------------

Anexo IV- QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

PESQUISA: *O papel da escola no combate ao bullying*

Everlaine Santiago de Moura

Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

Prezado/a Professor/a,

O meu nome é Everlaine e sou aluna do curso de Pedagogia da UnB. Estou fazendo minha monografia sobre o bullying entre alunos de quinta e sexta séries do Ensino Fundamental. Um estudo anterior mostrou que esse é um momento da escolarização de grande incidência de bullying. Por isso, objetivamos identificar e analisar aspectos envolvidos na dinâmica da sala de aula que possam sinalizar a incidência de bullying com essa população. Gostaria de contar com sua colaboração preenchendo o questionário abaixo. Não é preciso se identificar. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição ao desenvolvimento desta pesquisa.

Idade: _____ anos**Sexo:** ____ Masculino ____ Feminino**Data:** _____**ORIENTAÇÕES PARA O PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO**Marque com um **X** uma das colunas do quadro de acordo com a seguinte escala:*1 –nunca 2 –quase nunca 3 –algumas vezes**4 – freqüentemente**5 – com muita freqüência*

Obs. Sempre que utilizarmos o termo estudante(s) estamos nos referindo aos estudantes de quinta e sexta séries (6º. e 7º. anos) especificamente.

		1	2	3	4	5
1.	Estudantes sentem-se bem na escola					
2.	Estudantes gostam de estudar					
3.	Há um número considerável de bons alunos nas turmas de 5ª. e 6ª. séries					
4.	Há uma relação de respeito entre os estudantes em sala de aula					
5.	Há uma relação de respeito entre estudantes e professores					
6.	Pais e/ou familiares são participativos na vida escolar dos estudantes					
7.	Há estudantes com dificuldades de aprendizagem					
8.	Estudantes de 5ª. série têm problemas de socialização					
9.	Estudantes de 6ª. série têm problemas de socialização					
10.	Vejo estudantes sendo alvo de zombaria e/ou chacota por e-mail, MSN, SMS, Orkut, Facebook, Twitter etc. na escola					

Numa mesma escala de 0 a 5 (1-nunca a 5-com muita freqüência) como anteriormente, categorize os itens abaixo de acordo com o que você vê cotidianamente entre os estudantes de quinta e sexta séries.

11. Xingamentos _____

12. Humilhações _____
 13. Apelidos (que gerem conflitos) _____
 14. Intimidação _____
 15. Fofoca _____
 16. Ofensas _____
 17. Zombaria _____

		1	2	3	4	5
18.	Os incidentes acima ocorrem mais entre meninos					
19.	Os incidentes acima ocorrem mais entre meninas					
20.	Os incidentes acima ocorrem de meninos com as meninas					
21.	Os incidentes acima ocorrem de meninas com os meninos					
22.	Professores xingam estudantes					
23.	Estudantes xingam professores					
24.	Há diálogo sobre os problemas dos estudantes no contexto da sala de aula					
25.	Estudantes resolvem seus problemas e conflitos interpessoais com independência					
26.	Já tive que interferir ou costumo interferir quando percebo a ocorrência de <i>bullying</i> na sala de aula					
27.	A escola realiza ações de combate ao <i>bullying</i>					
28.	Estudantes falam em fazer um curso universitário quando terminarem Educação Básica (Ensino Médio)					
29.	Estudantes falam em arranjar um emprego quando terminarem Educação Básica (Ensino Médio)					

Nas questões abaixo, use o restante da folha e folhas avulsas para responder.

30. Se você categorizou o item n°. 26 acima de 3 (incluindo a opção 3), por gentileza, explique melhor quais as atitudes você teve que tomar e qual o impacto isso teve entre os envolvidos.
31. Se você categorizou o item n°. 27 acima de 3 (incluindo a opção 3), por gentileza, mencione as ações que a escola tem tomado e que efeitos ela tem conseguido entre os estudantes.
32. Por fim, o que você acha que deveria ser feito pelo(a) professor(a) como forma de prevenir e combater a ocorrência de *bullying* nas turmas de 5^{a.} e 6^{a.} séries especificamente, pelo menos em sua aula.

Anexo V- ROTEIRO DE ENTREVISTA – ORIENTADORA EDUCACIONAL

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos
PESQUISA: *O papel da escola no combate ao bullying*
Everlaine Santiago de Moura
Orientadora: Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Roteiro com Orientador(a) Educacional

Idade: _____ anos

Sexo: ____ Masculino ____ Feminino

Data: _____

1. Em primeiro lugar, como Orientadora Educacional, como você vê o *bullying* nas escolas?
2. Qual é o grande desafio da escola no combate ao *bullying*? Em um plano ideal, o que poderia ser feito?
3. Como você define *bullying* e como você vê essa questão nesta escola específica?
4. A escola tem sofrido com casos de *bullying*? Como os casos de *bullying* chegam até a você, à orientação, coordenação, direção?
5. Em que série há maior ocorrência de *bullying*? Como acontece, quais os envolvidos?
6. Sobre os professores: há alguma reclamação mais significativa ou generalizada acerca de brigas, desentendimentos, ou mesmo casos de perseguição de algum aluno por outro ou grupo?
7. E como é a relação entre professores e alunos? De que forma essa relação é diferente entre as diferentes séries? (Enfatizar as características dos alunos e dos professores de 5^a. e 6^a. séries)
8. Como você vê o preparo dos professores para lidar com o *bullying*? Conte algum caso concreto.
9. Como os professores deveriam agir em sala de aula para lidar melhor com o assunto?
10. Há algum projeto na escola direcionado para o tema?

Anexo VI- Respostas da entrevista com a Orientadora Educacional

1- Eu: Em primeiro lugar, como você vê o bullying nas escolas?

O: Vejo como uma forma depreciativa de tratar o outro. Eu acho que está faltando muito a questão de se trabalhar os relacionamentos, os respitos de um com o outro, essas coisas que é básica e vem da família. E aqui eles acabam se agredindo, eles acabam achando que a brincadeira não leva o outro a sofrer eles acham que não levam tão a sério, como algo que está machucando, como um assédio.

Eu: Levam mais como brincadeira, então?

O: Justamente

2- Eu: Qual o grande desafio da escola no combate ao bullying? em um plano ideal o que poderia ser feito?

O: O grande desafio é essa conscientização, do respeito ao outro, né? do saber até quando a brincadeira tá agradando o outro; do reconhecimento de quando o outro tá sofrendo, quando a brincadeira já deixou de ser brincadeira e passou a deixar o outro triste, deixou o outro deprimido, deixou com que meu amigo deixasse de vir à escola. É a conscientização que tá faltando ainda.

Eu acho que no plano ideal, o que poderia ser feito durante todo ano é essa coisa da prevenção mesmo, palestras, trabalhos realizados pelos próprios alunos, eles reconhecerem em si onde que estão errando, o que estão praticando? é uma violência comum, ou é bullying mesmo? e meu colega tá gostando do que eu to fazendo? é brincadeira para o meu colega ou deixou de ser brincadeira; acho que o plano ideal mesmo é prevenção e conscientização.

3- Eu: Como você define bullying e como você vê essa questão nesta escola específica?

O: Como eu vou definir o bullying? é uma violência, que infelizmente acontece em todo meio agora, em todas as escolas, cada vez mais a gente vê casos, está cada vez mais explícito, né? antes era velado, hoje não, até porque os meninos estão contando, eles estão tendo coragem de chegar até a gente e contar. E a estratégia da escola para trabalhar isso aí é juntamente com os professores, né? fazendo esse trabalho de prevenção e de conscientização.

4- Eu: A escola tem sofrido com casos de bullying? como os casos de bullying chegam até você, a orientação, coordenação e direção?

O: Temos casos de bullying sim. E chegam até a nós através dos próprios alunos, eles contam, né? ou os colegas. Os que sofrem chegam pra gente e conta o que está acontecendo. Alguns com muita dificuldade, pois tem vergonha mesmo de se expor eu acho. Ou então o professor percebe na sala de aula o comportamento diferente do aluno. O aluno começa a faltar demais, o rendimento começa a cair. E a partir daí são tomadas providências.

5- Eu: Em que série há mais ocorrência de bullying; como acontece, quais os envolvidos?

O: Nossas turmas aqui começam no sexto ano, né? Ocorre mais nos sextos e sétimos anos, onde eles são menores, né? e tem menos consciência do que está acontecendo, mas acontece também no ensino médio, são raros os casos, mas acontece. Nos oitavos anos também acontece, mas a maioria dos casos são entre os menores.

6- Eu: Sobre os professores, há alguma reclamação mais significativa ou generalizada acerca de brigas, desentendimentos, ou mesmo casos de perseguição de algum aluno por algum grupo?

O: Há sim. Sempre eles estão percebendo e sempre que eles percebem eles recorrem até nós. Pedem socorro e a gente monta junto um projeto para trabalhar essa coisa da violência, essa coisa do respeito, né, da perseguição.

Eu: Então o trabalho é coletivo?

O: Justamente o trabalho é coletivo.

7- Eu: E como é a relação entre professores e alunos? de que forma essa relação é diferente entre as diferentes séries?

O: Eu acho assim, nos sextos e sétimos anos há maior respeito dos alunos com os professores. Não sei se é porque eles estão saindo do quinto ano, estão meio tímidos, ainda mais que nós aqui temos nono anos e 3º anos juntos, né? então assim, tem um respeito maior nas séries de sexto e sétimos anos, agora no ensino médio tem aquele enfrentamento, né? eles já enfrentam o professor de igual para igual, já responde, né? faz birra, diz que não vai, o professor pede para fazer as coisas, eles dizem que não fazem, eles enfrentam mesmo. Agora os menores não. Claro que tem, né, os que respondem, claro que tem os que enfrentam também, mas acho que em sua maioria eles respeitam os professores.

8- Eu: Como você vê o preparo dos professores para lidar com o bullying conte algum caso concreto.

O: Eu acho que tem muita confusão ainda, os professores não foram preparados, né? para trabalhar o bullying em si. Ainda não tem aquela diferenciação do que é bullying de violência. Então quase tudo que eles trazem, eles trazem como bullying, mas na verdade quando a gente vai averiguar, não é bullying, é uma violência, uma coisa que aconteceu um dia, não é recorrente não é com o mesmo aluno, não é com o mesmo grupo ou a mesma pessoa fazendo. Falta mesmo uma preparação para eles saberem diferenciar o que é violência, o que é bullying e como tratar os dois.

Eu: Há algum caso específico de bullying que você possa contar para mim, um exemplo.

O: Deixa eu ver aqui se eu lembro de alguma coisa... tem um aluno nosso da oitava série, né!? Ele conta que há dois anos vem sofrendo perseguições dos colegas. Ele conta que em sala de aula os colegas colocam apelidos nele todos os dias, que batem na cabeça dele. Só que isso veio a tona esse ano. Ele disse que acontece desde 2009, mas nunca procurou a direção nem o S.O.E e os professores também nunca perceberam porque ele é muito quietinho, sempre foi muito quieto, muito tranquilo e ele conta que também ao sair da escola esse mesmo grupo o perseguia, ia atrás dele, ia batendo, ia jogando pedra. Até chegar ao ponto da mãe procurar a regional de ensino e procurou a delegacia, registrou Boletim de Ocorrência e o caso foi parar da Delegacia da Criança e do Adolescente. E o nosso trabalho, nós chamamos os pais de todos os envolvidos e participantes, nós fizemos uma reunião, nós falamos o que era bullying, falamos juntamente com os pais e os meninos. As consequências que aquilo dali estava trazendo para a vida do aluno, porque ele já tava ficando depressivo, ele não estava mais querendo vir à escola, a mãe conta que ele chorava constantemente, mas assim, nós fizemos um acordo tanto com os pais tanto com os alunos e graças a Deus o relacionamento na sala de aula melhorou. Eles pararam com as “brincadeiras”. Que eles chamam de “brincadeiras”, né?

9- Eu: Como os professores deveriam agir em sala de aula para lidar melhor com assunto?

O: Eu acho que os professores daqui eles já agem de forma bem interessante. Eles tem um olhar muito crítico, né, percebem quando um aluno mudou o comportamento. Eles mesmo em sala de aula fazem um trabalho. Nós temos um professor aqui na escola chamado professor André, professor de geografia, ele fez um trabalho esse ano com

todas as turmas de sexto e sétimo anos falando de *bullying* em que os próprios meninos pesquisaram o que é *bullying*, eles mesmos identificaram na sala de aula se aconteciam, eles criaram um teatro pra falar disso, eles fizeram cartazes que ficaram espalhados pela escola inteira, dizendo não ao *bullying*, fizeram faixas dizendo que “nessa escola não pode haver *bullying*”, “*bullying* não” e fizeram desenhos e foi bem interessante. E eles desenvolveram esse trabalho assim com muito gosto, com muito prazer e eu acho que o resultado foi muito positivo.

10- Eu: Há algum projeto na escola direcionado para o tema?

O: O projeto que a gente tem é o seguinte: todos os anos a gente tem uma parceria com a polícia militar, ele s vêm, faz uma semana com a gente de palestras e está incluso essa questão do *bullying*, sobre *bullying*, é um workshop da polícia militar, não sei se você já ouviu falar, que acontece. Esse é um dos trabalhos que a gente faz. O trabalho com o professor André que ele desenvolve com todas as turmas e também teve um grupo de jovens da secretaria de cultura que fez palestras com eles, brincadeiras, simulações e assim a gente tá sempre trabalhando. Tem vários projetos na escola, tanto dos professores, quanto da Orientação educacional, como o próprio grêmio providencia. E é assim, através de palestras, através da conscientização, os alunos mesmos falando. E tem também os atendimentos individuais que são feitos aqui no S.O.E. e se a gente vê que os alunos não superam sozinhos, que tá difícil, nós fazemos o encaminhamento para o profissional habilitado para estar ajudando.

Eu: Você percebe que essa questão é diferente entre meninos e meninas, ou indifere?

O: Não indifere. Aqui na nossa escola não dá pra dizer se é mais com meninos ou meninas. As meninas é aquela coisa da fofoca, da exclusão, né? exclui a outra do grupo, aquela coisa da depreciação, de ficar falando mal do cabelo, de falar mal da cor, do jeito que se veste, o estereótipo da menina, se é gorda, se é magra. Já os meninos é mais através de tapas, brigas, xingamentos, agressão física e verbal.